

Stadium

N.º 56 ★ 29 DE DEZEMBRO DE 1943



Sporting-Salgueiros

Um formidável instantâneo que mostra como Albano marcou o 10.º "goal" do Sporting!

(Fotos Nunes d'Almeida)

O valor dos jornais pequenos

FORAM festejados há pouco, em invulgares condições de relevo público, os 89 anos da «Aurora do Lima», completados recentemente. Tanto o antigo semanário regional de Viana do Castelo, como o seu director, Bernardo Silva, receberam homenagens de toda a cidade e de grande parte da imprensa do país — pela valiosa obra que a «Aurora do Lima» tem realizado em oitenta e nove anos de existência, e pela acção que o director do prestigioso semanário tem desempenhado, em prol de um jornal para onde entrou como aprendiz de tipógrafo e em defesa de uma região que é das mais lindas do norte de Portugal. Uma lápida evocativa indicará, no edifício onde funcionou a primeira redacção da «Aurora do Lima», que foi ali fundado um semanário que constitui exemplo admirável de fé, tenacidade e educação. A «Aurora do Lima», apesar da modéstia das suas instalações, honra a imprensa lusitana.

A propósito deste aniversário, o dr. Augusto de Castro, ilustre director do nosso presado colega «Diário de Notícias», pôs em justificado e oportuno realce o valor dos pequenos jornais, não só pelo seu esforço porfiado em defesa dos interesses e do progresso da região a que pertencem, mas, também, pela influência que por vezes tiveram ou têm na formação intelectual, profissional e técnica de novos jornalistas. E foi o dr. Augusto de Castro, ou Artur Maciel, nosso estimado camarada do «Diário de Notícias», que indicou alguns nomes de jornalistas e escritores que fizeram seus ensaios nas colunas da «Aurora do Lima», e que tiveram por seu intermédio o primeiro contacto com o público. Camilo, o grande e infeliz Camilo, foi chefe de redacção no antigo semanário vianense.

Os pequenos jornais regionais podem, num ou noutro caso, ser pequenos focos de intrigas locais. Mas são, quasi sempre, apreciáveis centros de irradiação e cultura. Neste grupo podemos incluir, também, por sua limitada expansão, os pequenos jornais de desporto — de carácter regionalista, ou de função reservada à de simples órgãos de colectividades. Há-os, não diremos em toda a parte, mas bastante espalhados nos grandes centros desportivos do país. E foram todos assim, os primeiros jornais portugueses de desporto, pequenas tentativas de vida relativamente efémera. Serviram, no entanto, para lançar uma ideia — e para lançar alguns nomes. Alguns jornais foram ficando pelo caminho. Mas a ideia subsiste, vitoriosa.

Os pequenos jornais desportivos não podem certamente desempenhar a mesma acção dos grandes órgãos da especialidade. Nem por isso é inútil a sua função, dentro das regiões em que lutam pelo desporto, ou dos organismos a que se destinam. Alguns d'elles distinguem-se, até, pela elevação do seu apostolado. Mas são particularmente úteis pelo que contribuem para a revelação de novos

Conclui na pág. 15

NOTAS & COMENTÁRIOS

ANTÓNIO Duarte Montez, que tem um passado brilhantíssimo como atirador internacional e olimpico de espingarda e pistola, acaba de ser homenageado pela Sociedade de Tiro n.º 2, antigo Grupo Pátria, pelo seu regresso às provas de tiro com arma de guerra.

António Montez é uma das figuras mais interessantes do desporto lusitano. Tem dividido a sua actividade entre a Sociedade de Tiro n.º 2 e o Ateneu Comercial. Foi um dos mais brilhantes e completos atletas do Ateneu. Fez um pouco de tudo — incluindo esgrima. E manteve-se em actividade durante largos anos.

A homenagem é por isso justíssima. A ela nos associamos com o maior prazer.

CONCLUIU-SE há dias a discussão dos estatutos e regulamentos de que assentou a transformação da União Velocipédica em Federação Portuguesa de Ciclismo.

Correu o último acto! Para a próxima semana, a União tem outro título — e o ciclismo conta outro figurino. Oxalá que a vida nova corresponda ao passado — em utilidade.

CADA jornada do Torneio de Inverno, organizado pelo Estoril Praia, tem contribuído para o brilhantismo e para a valorização da iniciativa. Entre os resultados, há alguns que ficam para prova do progresso de natação no ano prestes a findar. Mas os efeitos das corridas, no trabalho dos clubes, podem ainda ser mais completos — relativamente ao futuro.

Os melhores clubes da capital estão trabalhando numa época que era em geral de descanso. Na piscina do Estoril treinam o Estoril e o Sporting. A piscina de inverno do Algés é aproveitada pelo Algés, pelo Belenenses e pelo Nacional. E o Alhandra também não descarta o problema. A movimentação de qualquer desporto é uma condição de vida.

O trabalho dos clubes de Lisboa, neste inverno, faz pensar novamente nas condições em que por vezes se trabalha na provincia. E vem novamente à lembrança o que tem sido a natação em Coimbra — quanto a entusiasmo e resultados técnicos.

Com uma piscina improvisada, que não funciona mais do que poucos meses em cada ano, firmou-se Coimbra na categoria do segundo-núcleo de natação dentro do país — e conta nadadores e nadadoras que são dos melhores. Que se faria ali com uma piscina de inverno?

RIBEIRO dos Reis, nosso presado colega de jornalismo, acaba de enriquecer a bibliografia portuguesa do desporto com um livro para divulgação das regras de futebol.

Antes de nos pronunciarmos acerca da estrutura e do valor do livro, queremos felicitar Ribeiro dos Reis pela publicação do seu novo trabalho. E aproveitamos o ensejo para lhe apresentar, sinceramente, os nossos desejos de venda compensadora.

ANO XII — Lisboa, 29 de Dezembro de 1943 — II SÉRIE-N.º 56

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.

Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O «basketball» continua, por enquanto, com a sua movimentação limitada a torneios de iniciativa particular. Mas vão aparecendo alguns que são provas de homenagem.

Conde agora a vez ao Atlético — e ainda é de homenagem ao dr. Américo Nunes, seu antigo jogador, que se despede do desporto da competição, ao cabo de mais de uma dúzia de anos de actividade dentro do mesmo clube. No último domingo, jogaram-se, por sorteio, as eliminatórias, entre quatro clubes: Atlético, Belenenses, Maria Pia e Unidos. Os vencedores disputam a final no próximo domingo

SALVADOR do Carmo, o seleccionador da equipa lisboeta para o desafio com a selecção de Sevilha, em futebol, entrou na fase dos treinos para constituição definitiva do «onze».

É talvez cedo para formar a equipa. Mas nunca é cedo para o trabalho de preparação. Não é a mesma coisa. Conjugam-se, entretanto. E a preparação tem de ser cuidada — porque o êxito aos jogos em projecto pode ter larga influência na reorganização dos grandes jogos internacionais.

EMBORA a natação em Coimbra se encontre na fase do descanso que vai de uma época a outra, a verdade é que há ali uma crise local de certa amplitude, cujo significado não pode passar despercebido.

A direcção da respectiva associação regional desligou-se por completo do desempenho das suas funções, não obstante haver prestado excelentes serviços ao desporto, durante vários anos. As causas são conhecidas. Cominha, por isso, haver quem as removesse rapidamente.

ALGUNS clubes da provincia atravessam por vezes crises difíceis — que podem ser vencidas rapidamente quando a solução é oportuna. Uma agremiação em crise é o Rio Ave, de Vila do Conde. E', de momento, um dos melhores clubes locais. Em futebol tem valor afirmado no decurso de vários campeonatos do popular desporto.

Este ano, no desafio final para o torneio portuense da segunda divisão, antes de batido em campo, estava batido por alguns jogadores, com exigências perante a sua direcção. Um clube de amadores não pode suportar exigências desta ordem. O «onze» de futebol acusa o reflexo de problema tão melindroso. E' necessário por isso que o clube confie em si mesmo, para se manter em actividade, na defesa do bom nome desportivo de Vila do Conde.

O Sport Clube de Vila Real estava condenado a ficar sózinho numa das sub-séries do campeonato nacional da II Divisão. O seu desejo era ficar numa sub-série de clubes do Porto. Mas não foi atendido, por motivos que se prendem com o aspecto financeiro dos jogos. A ida de algumas equipas portuenses a Vila Real podia despertar inveias naquela cidade. A ida do clube transmontano ao Porto não despertaria entusiasmo idêntico. Ficava, por isso, desacompanhado — e triste...

A' última hora, o Vila Real passou para a série do Minho. Terá de lutar, para a entrada no torneio final do campeonato. Mas é mais desportivo.

A lista dos melhores marcadores de pontos no campeonato nacional da I Divisão continua a oferecer resultados curiosos. No fim da quarta jornada, Lemos, avançado-centro da Associação Académica de Coimbra, passou para o segundo lugar. E para a frente da classificação passou Teixeira, interior-esquerdo do Benfica — que é o quarto clube na classificação.

Nos clubes do primeiro pósto — Atlético, Sporting e Porto — a marcação de «goals» tem sido mais dividida, entre os avançados de cada equipa. E não tem havido nenhuma revelação — entre eles.

BALANÇO GERAL DE UMA ÉPOCA

VIII—As provas femininas

Comentários por SALAZAR CARREIRA

O atletismo feminino não conseguiu em Portugal o favoritismo das praticantes do desporto e o número de concorrentes ás provas oficiais, passado o entusiasmo dos primeiros tempos, tem diminuído progressivamente.

O núcleo portuense, que foi o primeiro a entrar em actividade e em certa altura mostrou desenvolvimento prometededor, há duas épocas já que se pode considerar extinto; em Lisboa, apenas o Sporting e o Belenenses persistem na modalidade, com a tentativa simpática, mas reduzida, do Casa Pia e do Almadense. O torneio mais concorrido da época foi o dos campeonatos nacionais e refilou apenas treze raparigas atletas!

Lamentamos este desinteresse, por que o atletismo, tal como felizmente tem sido praticado em Portugal, sem exageros de intensidade de preparação, é um excelente exercício higiénico para a mulher e contribui somente para lhe aumentar a graça e o garbo, o desembaraço e a confiança. Sem exceder os moldes actuais, de modestas aspirações, o atletismo feminino é uma variante agradável e merecedora de propaganda, muito preferível, em nosso entender, ao «basketball», jogo de choque, que por isso mesmo nunca quisemos incluir nos programas de actividade das secções desportivas femininas sujeitas à nos-a orientação.

As competições femininas de atletismo, talvez porque graças a Deus não merecem interesse nem são do «grado dos mais perigosos soberanos da modalidade, decorrem sempre na melhor camaradagem entre as adversárias e constituem um foco de alegria reconfortante no meio de muitas rivalidades — nem sempre desportivamente encaminhadas. Ainda que outras razões não houve se, bastariam estas duas que apontamos para fundamento do empenho em conservar e estimular a presença das provas femininas nos programas oficiais do atletismo português.

Não importa que os resultados sejam fracos em valor absoluto — antes será melhor assim, desde que as raparigas mostrem a perfeição de estilo caracterizada pela harmonia de gestos, pelo equilíbrio dispêndio dos esforços; pouco, mas bem e com proveito, eis o lema que deve reger a orientação atlética das raparigas.

Na época finda, o melhor exemplo deste preceito foi a campeã Olga Ribeiro, cujos progressos consideráveis se devem apenas ao trabalho persistente e ao estudo cuidadoso do estilo; a-pesar da pequena estatura, sempre prejuizo no rendimento atlético, conseguiu muito bons resultados para o nível português, de entre o qual se destaca o «récord» nacional das barreiras. Teve uma temporada brilhante,

com oito títulos na bagagem, e esperamos dela melhor ainda para o ano.

A discóbola Ester Ramos, que em valor absoluto continua na vanguarda das nossas atletas, não pôde mostrar novos progressos porque uma doença grave a impediu de treinar convenientemente durante os meses de inverno e da primavera; mas este percalço representa



Olga Ribeiro

apenas um adiamento, porque com certeza fará mais e melhor. Mantemos a seu respeito a opinião já formulada: é o melhor lançador de disco português e vê-la praticar o seu exercício, um verdadeiro regulo desportivo.

A belenense Francelina Moita foi a revelação da época; vibrante de energia acumulada, forte e dinâmica, bateu o antigo máximo de dardo sem noção precisa do estilo, o que é a melhor indicação das suas capacidades. Outra estreante prometedora é a casapina Georgette Duarte, de boa estatura, facultades de corredora e entusiasmo pela modalidade.

No grupo das praticantes experimentadas luziu ainda Maria Ester Moura Cabral, cuja preparação nula não impediu que conquistasse três títulos nos campeonatos nacionais. Se pudesse sujeitar-se a treino regular durante todo o ano teria para a nova época — que diz ser a da sua «reforma» — autênticas saídas de «leões».

Entre as restantes, as bem poucas restantes, deu-nos Natália Gomes uma amostra das suas possibilidades pouco aproveitadas e Judite Rodrigues a desilusão de nenhum progresso nas provas de lança-

mento, em que se estreou auspiciosamente quando pertencia à equipa sportinguista.

Para terminar o enumerado, citemos a boa vontade meritória de Almeida Carreira, a melhoria de forma de Judite Real e os amimos resultados de Maria Eulália de Sousa.

E mais não podemos dizer — porque mais não houve; apenas, para concluir, o voto de que sejam em maior número, para o ano, as amadoras do atletismo em Portugal.

São campeãs em 1942:

60 metros: Nacional e Lisboa, Olga Ribeiro (Sp.) em 24 e 8,8 s.
 100 metros: a mesma atleta, em 21,2 e 21,9 s.
 Barreiras, 80 metros: a mesma atleta, em 15,2 e 15,5 s.
 Salto em altura: Nacional, Maria Ester Moura Cabral (Sp.), 1^o, 30; Lisboa, Francelina Moita (Bl.), 1^o, 35.
 Salto em comprimento: Nacional, Natália Gomes (Bl.), 3^o, 83; Lisboa, Maria Eulália de Sousa (Bl.), 3^o, 66.
 Lançamento do peso: Nacional, Maria Ester Moura Cabral (Sp.), 7^o, 64; Lisboa, Almerinda Carreira (Alm.), 7^o, 95.
 Lançamento do disco: Nacional e Lisboa, Ester Conceição Ramos (Sp.), com 32^o, 90 e 33^o, 05.
 Lançamento do dardo: Nacional, Francelina Moita (Bl.), 27^o, 84; Lisboa, Ester Conceição Ramos (Sp.), 26^o, 14.

Lista dos melhores resultados portugueses:

60 metros: Lucília Rodrigues Silva (Bl.), 8 s., 30-7-39; Ilda Leite Dias (Fémnia), 8,1 s., 10-8-40; Marie Minemann (Fémnia), 8,3 s.; Helena Ferreira (Fem.º) e Olga Rosa Ribeiro (Sp.), 8,4 s.; Judite de Macedo (Fem.º), 8,5 s.; Ercília Vidal Alves (Fem.º), Lucinda Carreira Rosa (Sp.), Helena Sousa Martins (Fem.º), 8,7 s.; Maria Eulália de Sousa (Bl.), 8,8 s.
 100 metros: Lucília Rodrigues Silva (Bl.), 19,5 s., 2-7-39; Olga Rosa Ribeiro (Sp.), 21,2 s., 5-9-43; Marie Minemann (Fémnia), 21,6 s.; Georgette Duarte (C. P.), 22 s.; Helena Sousa Martins (Fem.º), 22,1 s.; Renée Correia Pinto (Fem.º) e Maria Ester Moura Cabral (Sp.), 22,6 s.; Clarissa Oliveira (Sp.), 23 s.; Maria Eulália de Sousa e Francelina Moita (Bl.), 23,5 s.
 Barreiras, 80 metros: Olga Rosa Ribeiro (Sp.), 15,2 s., 5-9-43; Lucília Rodrigues Silva (Bl.), 16,1 s., 16-8-41; Maria Ester Moura Cabral (Sp.), Georgette Duarte (C. P.) e Francelina Moita (Bl.), 16,6 s.; são estes os únicos tempos registados na prova.
 Salto em altura: Maria Ester Moura Cabral (Sp.), 1^o, 30, em 26-5-41; Emilia Maria Carrelhas (Fem.º), 1^o, 33 em 30-8-37; Maria Helena Abreu (Int.) e Branca da Silva Nieto (Sp.), 1^o, 30; Suzana Sander (Sp.), Lucília Rodrigues Silva (Bl.) e Margarida Salazar Carreira (Sp.), 1^o, 26; Ercília Vidal Alves (Fem.º), 1^o, 23; May Norton (Int.), 1^o, 21; Maria Helena Sá (Bl.), 1^o, 20.
 Salto em comprimento: Emilia Maria Carrelhas (Fem.º), 4^o, 69 em 24-7-38; Margarida Salazar Carreira (Sp.), 4^o, 36 em 23-7-39; Ilda Leite Dias (Fémnia), 4^o, 32; Branca da Silva Nieto (Sp.), 4^o, 29; Marie Minemann (Fémnia), 4^o, 29; Ercília Vidal Alves (Fem.º), 4^o, 24; Renée Correia Pinto (Fem.º), 4^o, 21; Maria Helena Sá (Bl.), 4^o, 17; Helena Sousa Martins (Fem.º), 4^o, 15; Maria Ester Moura Cabral (Sp.), 4^o, 12.
 Lançamento do peso: Maria Helena Sá (At.), 27^o, 51 em 16-7-41; Almerinda Carreira (Alm.), 7^o, 95 em 5-8-43; Ilda Leite Dias (Fémnia), 7^o, 72; Maria Ester Moura Cabral (Sp.), 7^o, 64; Judite Rodrigues (Sp.), 7^o, 53; Ilda Leite Dias (Fémnia), 7^o, 51; Helena Sousa Martins (Fem.º), 7^o, 46; Alexandrina Pinto (Fem.º), 7^o, 21; Cândida Rezende (Fem.º) e Margarida Salazar Carreira (Sp.), 6^o, 88.
 Lançamento do disco: Ester Conceição Ramos (Sp.), 33^o, 65 em 19-7-41; Alice Conceição Ramos (Mac.), 27^o, 66 em 11-8-40; Caçula Conceição Ramos (Mac.), 26^o, 62; Maria Helena Sá (At.), 25^o, 51; Margarida Salazar Carreira (Sp.), 24^o, 58; Helena Sousa Martins (Fem.º), 24^o, 55; Deolinda Chupelo (Bl.), 23^o, 99; Judite Rodrigues (Bl.), 23^o, 81; Maria Ester Moura Cabral (Sp.), 23^o, 75; Francelina Moita (Bl.), 23^o, 67.
 Lançamento do dardo: Francelina Moita (Bl.), 27^o, 48 em 5-9-41; Ester Conceição Ramos (Sp.), 26^o, 15 em 19-7-42; Judite Rodrigues (Bl.), 25^o, 25; Maria Helena Sá (At.), 23^o, 74; May Gladys Norton (Int.), 22^o, 48; Deolinda Chupelo (Bl.), 22^o, 27; Alice Conceição Ramos (Mac.), 21^o, 39; Emilia Maria Carrelhas (Fem.º), 21^o, 38; Maria Ester Moura Cabral (Sp.), 21^o, 34; Caçula Conceição Ramos (Mac.), 20^o, 30.

III

No Baixo-Alentejo

A nova vitória do Luso no campeonato distrital

O campeonato de futebol do distrito de Beja está apenas pendente de um desafio entre o Luso e o União, em reservas. O de primeiras categorias liquidou há pouco. Venceu novamente o Luso, ganhando, assim, o 6.^o campeonato, em 17 anos de prova. Contra o costume dos últimos anos, caracterizados pela manifesta superioridade do Luso, houve, como nota a focar num balanço desta ordem, o interesse despertado pelo jogo derradeiro, entre os dois rivais bejanenses — Luso e União. O União podia ganhar o campeonato, se a vitória lhe pertencesse. Mas nem uma coisa, nem outra. Para a história fica, somente, o entusiasmo com que se quebrou a monotonia dos desafios locais.

Este interesse resultou especialmente da crise que o Luso atravessou neste princípio de época — com dificuldades financeiras que a nova direcção não pôde resolver de pronto. A equipa de futebol teve de sofrer baixas e acusou o reflexo da crise interna do clube, felizmente passageira. Esperou-se menor desvaler de valores entre o Luso e os seus adversários. A luta devia ser mais apertada. Esperava-se, sobretudo, que o Atlético, de Moura, beneficiasse deste nivelamento de forças. Veio, porém, o primeiro jogo — e Moura perdeu. O Luso acreditou nas suas possibilidades. O encontro com o União deu um empate sem bolas. O equilíbrio do resultado fez despertar melhor, no Luso, o desejo de vencer. Ainda não havia de ser desta vez. O União, por sua parte,

(Conclui na página 19)



Ester Ramos e Francelina Moita

O dia 26 de Dezembro é um dos quatro feriados bancários fixos que figuram no calendário inglês. O povo chama-lhe "boxing day", alusão pitoresca às caixas metálicas que a crendagem, os vendilhões e demais creaturas, apresentam, juntamente com as boas festas, aos patrões e fregueses, e onde recolhem os xelins que a generosidade daqueles faz acompanhar dos respectivos agradecimentos.

Além de uma semelhança de nomes que nada tem que ver com o jôgo do *boxing*, esta data anda-lhe, porém, ligada por um acontecimento importante, que ficou memorável nos fastos do pugilismo internacional. De facto, no dia 26 de Dezembro de 1908, há 35 anos, em Rusheutter's Bay, nos arredores da cidade de Sidney (Austrália), o preto Jack Johnson arrancoo o título mundial de todas as categorias ao canadiano Tommy Burns, fazendo alarde, ao mesmo tempo, de crueldade tão desnecessária e irritante que toda a gente branca, anglo-saxónica, sofreu essa vitória como um desafio e uma afronta. Uma série de acontecimentos tinha dado origem aqúele duelo.

No ano de 1904, era campeão o americano Jim Jeffries. Sem adversários capazes de o combater e proprietário de alguns terrenos na Califórnia, abandonou pouco a pouco a actividade pugilística. Em 1905, no dia 3 de Julho, arbitrando o jôgo entre Marvin Hart e Jack Root, na cidade dos divórcios (Reno, Nevada) o referido Jeffries declarou publicamente que se afastava das lides e que outorgava o seu título ao vencedor. As más línguas insinuaram, mais tarde, que Jeffries fôra instado pelo *manager* de Hart, a trôco de mil dólares, para efectuar essa declaração. Os factos trouxeram, no entanto, confirmação às palavras do jogador, que só em 1910 voltou a lutar para reaver o seu título.

Marvin Hart, derrotando por K.O., em 12 assaltos, o seu antagonista, rotulou-se a si mesmo campeão mundial. Era um pugilista de dimensões avantajadas e com passado bastante

Um COMBATE CELEBRE

Como JACK JOHNSON derrotou TONNY BURNS

Evocação de RAFAEL BARRADAS

prometedor. Na lista das suas vitimas contava-se o preto Jack Johnson, se bem que muito contestada, na imprensa e pelo público, houvesse sido a decisão por pontos.

No ato immediato, o canadiano Noah Brusso, recentemente ainda um péso médio de boa reputação, decidiu combater Marvin Hart. Apesar da vantagem de oito quilos que este lhe levava, Tommy Burns (nome que Mr. Brusso adoptou para os seus negócios do ring...) deu-lhe uma boa sova durante os 20 rounds do encontro.

Embora demasiado leve, pois difficilmente atingia 78 quilos, a coragem, decisão, poder de golpe e temperamento de Burns chegavam para abater os mais sérios rivais. Apenas Jack Johnson, o enorme negro de Galveston, cuja altura (1,85 m.) e péso (92 kg.) constituíam uma tremenda desvantagem, jámais fôra aceito como antagonista.

O preto perseguia ostensivamente o branco com desafios insolentes e, em plena rua, chegou a procurar um conflito. Mas Burns, que entretanto ou empatava ou vencia os seus adversários, quer na Europa, quer na América, partiu de Londres para a Austrália — sempre seguido de Jack Johnson.

O caso tomara proporções de fuga real e Burns, apertado pela imprensa, foi forçado a apresentar as suas condições. Hugo Mac Intosh, o ousado organizador e árbitro dêsse famoso combate, chamou a atenção do mundo desportivo garantindo a Tommy Burns a bonita soma de 7.500 libras.

Uma enorme arena, especialmente construída em madeira e contendo vinte mil pessoas, foi o local onde os dois jogadores tentaram a sua *chance*. Não conseguiram lugar perto de dez mil individuos, que rodearam o recinto e seguiram as peripécias do espectáculo escutando os espectadores. A imprensa de todo o mundo fez-se representar e o famoso novelista americano Jack London escreveu a mais importante e sentida reportagem do acontecimento que é possível imaginar-se. O seu grito de alarme, espécie de *Hanibal ad portas* do pugilismo, sublinhando a decadência da raça branca, embora demasiado patético, comoveu profundamente o público americano — que buscou desafrontar-se levando Jim Jeffries a regressar ao ring e abater o usurpador.

O choque entre os homens foi sangrento desde o toque do timbre. Johnson, o primeiro a subir ao ring,

apertou a mão de Burns sem entusiasmo ou ressentimento, acompanhando o gesto das seguintes palavras: "Até que enfim!" — retorquindo-lhe o branco com esta amabilidade: "perro amarelo!" Nêste estado de espirito se iniciou o choque entre duas pessoas que mutuamente se detestavam.

Burns trazia nos cotovelos umas ligaduras de elástico que Johnson, para o enfurecer, exigiu fôsem retiradas. O público impacientou-se e, por fim, o canadiano deitou-as fora, irritado. Como era um emotivo, lançou-se ao ataque e foi colhido por um *uppercut* no queixo que o levantou do solo e o derrubou.

Como foi possível erguer-se ao 8.º segundo e lutar, é caso digno de registo. O preto, muito ágil, deslocando-se como um fogo-fátuo (na expressão de J. London), susteve o ataque com um murro na cabeça do adversário, que o atirou para longe.

No 2.º assalto Burns cai novamente, sofrendo um ligeiro entorse, mas ergue-se acto-continuo. O olho esquerdo parece inchado.

No 3.º round o preto martela o torax do canadiano e fá-lo sangrar pela bôca.

No 4.º assalto, Johnson principia a conversar com Burns e a ridicularizá-lo. Este, com o maior desprezo, chama-lhe *perro amarelo* e procura socá-lo na cara. No 5.º round, os golpes sucedem-se rijos.

No 7.º assalto, Burns é espancado sem piedade mas aguenta corajosamente. O olho direito está meio fechado. Johnson conversa com o público e finge esquecer-se do seu antagonista.

No round immediato Burns cospe sangue em abundância, perseguido pelo negro, que o sova sempre sem dô nem piedade.

O 9.º assalto é um duelo de palavras e de corpo-a-corpo. O seguinte é mais mexido, mas o negro parece já cansado. Burns aplica alguns excelente murros mas de fraca potência.

No comêço do 13.º round a bôca e as feições de Burns estão desmedidamente inchadas. Johnson procura evitar o *knockout*, insistindo em arruinar o adversário. O público, compreendendo o desejo do negro e verificando que as probabilidades de vitória do branco erám pouco mehos que

(Continua na pág. 19)

Burns defende um sôco que Johnson lhe dirige ao estômago





A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA

Jorge e Manuel Padeira Júnior, respectivamente 1.º e 2.º classificados. CICLO-TURISMO — Grupo de gentis concorrentes ao «rallye» do Futebol Benfica (4) e o numeroso grupo de ciclo-turistas que tomaram parte no último passeio do S. L. Benfica.

(Fotos C. Madetra)

HAND-BALL — O «Torneio de Preparação»: 1 e 2 — Fases do jogo Belenenses-Uniteds, efectuado no último domingo e ganho pelos «azuis». TIRO AOS POMBOS — Campeonato Nacional: 3 — Eduardo



O Olhanense está em fase de progresso

A compra do Estádio «Francisco Padinha» e as obras em projecto

O Sporting Clube Olhanense é o clube algarvio mais conhecido em Lisboa. Veio aqui várias vezes disputar o antigo campeonato de Portugal de futeb-1, quando o falecido Raul Figueiredo era médio centro, e ganhou nessa altura numa das melhores épocas, o título de campeão nacional, que é o seu título mais glorioso. Após dois triunfos no campeonato da II Divisão, voltou à mais importante prova lusitana do popular desporto.

Tem feito boa figura nessa prova. Este ano, na fase da selecção, encontrou o rigoroso adversário no Sporting Farense, que havia fortalecido a sua equipa com alguns jogadores idos de Lisboa: Conceição Rodrigues, Norberto Franco e Manuel Moniz. Teve de fazer maior esforço de preparação. E a população olhanense como que fez barreira à volta da sua equipa. Tudo isto contribuiu para estabelecer perfeita ligação entre o clube e o público que o acompanha e apia, dando-lhe excelentes condições de vida. O Olhanense ganhou grande prestígio — e conseguiu entrar em fase de evidente progresso.

Esta impressão colhe-se em Olhão, quando se passa pela pitoresca e laboriosa vila algarvia. Mas é mais completa quando se fala com algum director do clube. Recentemente de passagem pelo Algarve, fomos apresentados ao sr. Roque Luis Faria Ponce, figura de relevo no jornalismo local e no desporto algarvio. Roque Ponce preside à direcção do Olhanense. Mas não é apenas dos seus elementos mais representativos. É, também, um dos trabalhadores mais esforçados.

Inquirindo do sr. Roque Ponce qual a situação do Olhanense, no princípio do novo campeonato de Portugal, não houve dificuldade na resposta:

«Pelo seu valor, pela correcção do seu procedimento e pelo entusiasmo com que se bate sempre, o Olhanense — diz-nos — conta grande simpatia, em Olhão e em todo o Algarve. E esta simpatia que lhe dá melhores condições de vida. O clube entrou, assim, numa fase de relativo progresso.

— E em que se traduz, ou como se manifesta, de momento, esse progresso? — perguntamos. A resposta vem da mesma forma, rapidamente:

«Traduz-se na melhoria das suas instalações. Sempre que pretendíamos qualquer auxílio, esbarrávamos com uma dificuldade — a falta de campo próprio. Pois esse problema está resolvido completamente: o Estádio Padinha, que tem como designação o nome de um grande atleta olhanense falecido em plena mocidade — Francisco Padinha, verdadeiro hercules que se distinguiu em vários desportos — o Estádio Padinha — dizia, passou, há pouco tempo, a ser propriedade do Olhanense. E sendo *nosso* tínhamos de aliñda-lo. É o que estamos fazendo».

As obras no campo de jogos

«Quando a Académica nos deu o prazer da sua visita, em jogo de campeonato, inaugurámos dois melhoramentos importantes — os nossos vestiários e outra adaptação da parede onde funciona o «marcador» de pontos. Os novos vestiários englobam uma cabina para o árbitro, outra para o clube visitante, outra para a equipa local e uma sala para maçoagens e tratamentos médicos. São quatro dependências amplas, com pavimento de mosaico e rodapé de azulejo. A água é fornecida por um poço, mas há instalação para captação das águas pluviais. A parede do «marcador» foi alterada, pintada de novo e adaptada à afixação de anúncios.

«Para a realização destes melhoramentos, teve o Olhanense o valioso auxílio de todos os sócios, com subscrições e festas. Continuamos a contar com esse auxílio, que é uma nota apreciável do espírito de cooperação da massa associativa do clube. Com o campo tornado propriedade do Olhanense, passaremos, porém, a contar com o auxílio do Estado, conforme nos foi já prometido. Completaremos, assim, as

obras necessárias para que o Estádio Padinha corresponda às *nos*s aspirações — substituição da vedação do campo e construção de bancadas, para as quais há projecto elaborado.

«Depois de feitas as obras do campo, ou talvez o mesmo tempo, pensaremos na sede do Olhanense. Presentemente, temos instalações dispersas pela vila. Aqui — continua o sr. Roque Ponce — é a sede propriamente dita: este «café bar», para sócios, com uma animação própria de café público; e a secretaria, no primeiro andar, incluindo, também, algumas salas para jogos de vasa. Noutro edifício, alguma coisa atastado, temos dependências para instrução teórica dos jogadores e sala para maçoagens. O nosso desejo é reñir tudo num só edifício e instalar um ginásio amplo.

O clube e os desportos

Expostos deste modo os trabalhos em realização e projecto, e registada a aspiração de uma sede que corresponda às necessidades de expansão do clube, passou o sr. Roque Ponce a referir-se à parte desportiva, nos seguintes termos:

«O Olhanense mantém secções de futebol, ténis de mesa e bilhar, dedicando-se também ao «basket», ainda que em pequena escala. Dedicar-se, igualmente, ao atletismo; e um seu representante, Eminéncio Queiroga, venceu o campeonato do concelho, nos 3000 metros das «1 rnaadas de Propaganda», do «Diário de Notícias».

«A secção de futebol é dirigida por dois grandes animadores do popular desporto dentro do Olhanense — José Lourenço Mendonça, secretário adjunto da Associação de Futebol de Faro, e José Bernardo dos Santos. A preparação das equipas está a cargo de Cassiano do Carmo Serrano, antigo jogador e capitão do «onze» de honra do clube, e de José Mendes. Este «onze» terá, na época em curso, a seguinte composição normal: Abraão; Rodrigues e Loulé; João dos Santos, Grazina e Calé; Moreira, Joaquim Paulo, Cabrita, S. Salvador e Gomes. E quasi o mesmo grupo da última época. Há apenas o regresso de Joaquim Paulo, que estava castigado, e de Calé, em forma deficiente no ano findo. São suplentes os jogadores de reserva, nos respectivos lugares.

«A equipa afigura-se-me, agora, mais consistente, com maior experiência. Tem mais confiança nos seus recursos. Joga por isso com outra noção do que pode fazer, em luta com qualquer adversário.

Ténis de Mesa

Um torneio no Internacional

COMEÇOU há dias a disputar-se, na mesa do Clube Internacional de Futebol, a taça «Joaquim Nunes dos Santos». Tr. ta se de um torneio, organizado por esse simpático clube, em condições de fornecer uma das mais oportunas iniciativas que o ténis de mesa lisboeta tem registado.

Nos últimos tempos acentuou-se a falta de novos jogadores. Não têm surgido revelações e as figuras mais representativas dos muitos clubes que praticam a modalidade continuam a ser as mesmas, salvo, é claro, uma ou outra transferência de vulto. Desta maneira, não tem sido possível progredir-se e o nível técnico do jogo, o valor dos seus praticantes, mantêm-se.

A iniciativa do C. I. F., é, portanto, de utilidade absoluta, pois serve da maneira mais eficaz os interesses dos clubes e da modalidade. Mas, infelizmente, poucas colectividades encararam assim a organização. A taça instituída está a ser disputada por oito equipas, duas das quais representam o clube organizador. Quere dizer, portanto, que só seis clubes se inscreveram. E' pouco...

O regulamento, bem elaborado, garante a regularidade da competição. Os primeiros encontrados já disputados, mas é ainda cedo para se fazerem apreciações ao trabalho desse punhado de gente nova.

(Concluí na pág. 15)

O sr. Roque Ponce resume, deste modo, o balanço geral do Olhanense:

«Tem uma vitória no campeonato de Portugal de futebol, em 1923-1924. Ganhou duas vezes o campeonato de II Divisão — em 1934-1935 e 1935-1936. Sofreu, este ano, uma derrota, contra o Sporting Farense, por 2-3, mas estando mais de uma hora a metralhar a defesa. Na segunda volta, ganhou, porém, por 2-0. E no final, teve um «score» de 59-9.

«Em reservas, ganhou também o campeonato distrital, com 30 bolas marcadas, contra 2 sofridas, mas só disputou 5 jogos, por falta de comparação dos adversários, nos outros desafios.

«O futuro tem, naturalmente, como índice o número de sócios e as possibilidades de aumento. O Olhanense conta actualmente cerca de um milhar de sócios. Tendo, porém, criado uma categoria especial, para senhoras, tem aumentado enormemente o número de sócios femininos. O Olhanense soube conquistar o coração das suas patricias. É certamente um dos seus melhores triunfos...

Assim falou o sr. Roque Ponce, que preside à direcção do Olhanense. Pelo que nos disse, e pela forma como nos atendeu, ficam, aqui, os nossos melhores agradecimentos.



O grupo de honra do Sporting Clube Olhanense

SE houvesse alguém nesta cidade que afirmasse ter como certa a vitória dos grupos representativos do distrito do Pôrto no campeonato nacional da 1.ª divisão, isso seria motivo para, pelo menos, provocar um ar de espanto a quem o escutasse ou, vá lá, um olhar de admiração.

É que o caso apresentava-se sobre tintas escuras, tão pardacentas como estas tardes que têm feito ultimamente.

Por muito grande que fôsse a dose de optimismo, a verdade é que a saída do F. C. Pôrto desenhava-se sobre um grande ponto de interrogação, que, mesmo assim, representava favoritismo. Que o grupo estando boia conta de si e que os resultados animam, muito embora sem expressão numérica — são factos que ninguém pode contestar, mas que não chegam para poder confiar-se em vitórias, tanto mais que o grupo que o campeão regional iria enfrentar estava possuído de forte dose moral, pelos resultados feitos com os «consagrados».

Talvez haja certa razão quando se afirma que o Vitória esperava luta fácil, posto que o F. C. Pôrto ia desfalcar.

— Mas nós, que sabemos o valor do grupo portuense, nunca pensamos que sairia do campo com os dois pontos tão preciosos.

Deve dizer-se, porém, que a equipa parece estar a atravessar um momento de boa forma, com os seus elementos a subir, embora sem aquela força positiva que dava a todos confiança plena no seu comportamento em jogos fora. Que isto não é nada, bem o sabemos; os «ossos» vão aparecer agora, nas três saídas que se avizinham. Delas, do resultado obtido, é que se poderá tecer um comentário ou prognóstico.

É preciso não esquecer que o F. C. Pôrto está em pleno período de transição, que os seus homens estão ainda a ganhar contacto com grupos de valia — a maior parte deles a lutar, pela primeira vez, contra os grupos maiores. Uma parte da crítica lisboeta apelidou Lourenço de «reservista». Ora Lourenço fez quasi todo o torneio regional como avançado centro do 1.º grupo, só tendo passado a extremo direito depois da entrada de Correia Dias, lugar onde se tem defendido. Não pode, portanto, classificar-se como «reservista» um homem nestas condições.

Anciamos por ver o grupo jogar em Lisboa para ouvir a crítica alfacinha sobre o valor de alguns dos elementos que o F. C. Pôrto apresenta, pela primeira vez, em campos da capital. Oxalá que eles deem boa conta de si...

Quanto ao «caso» Salgueiros, reveste-se de aspecto particular. Os rapazes não possuem «calor» para encontros deste jaez. Parte deles estão ainda por aclimatar. O grupo não tem ainda homogeneidade e a ligação entre os três sectores é imperfeita. E se o trio defensivo representa algum valor, o quinteto avançado e o compartimento mais irregular do grupo. Parece, porém — talvez por questão de nova orientação técnica, ou pela entrada de algum elemento estrangeiro na turma, mas jogador de recursos — que a linha da frente está a querer desenhar coisas de jeito. No sector intermédio tem um homem que joga muito. Do seu excelente trabalho resulta o lançamento do ataque para a frente; só ele apresenta, no eixo da linha média, a tenacidade, o esforço, o desejo de vencer. Os outros empareceram, a procurar segui-lo. Por isso, e por estas indicações, a vitória do Salgueiros, admissível pelo que lutou e pela forma como soube aproveitar-se do enfraquecimento do grupo coimbrão, não pode ser levada à conta de demonstração eficaz de poder. Não. Por enquanto, pelo menos. Aguardemos mais algum tempo, para tirar lições.

Os desportos de inverno pertencentes à segunda camada, em matéria de interesse publico, estão chamando aos seus campos aquela numerosa assistência que tem rodeado os rectângulos ultimamente. O «basketball» anda mexido, mercê do esforço de quatro clubes.

Os grupos trabalham, os treinos prosseguem, e muito embora a matéria prima tenha sido «repartida», o certo é que esse precalço ainda não demonstrou influência no comportamento das turmas em campo.

Já aqui o dissemos, e voltamos a repetir: o

UMA REVELAÇÃO

JOÃO MÁRIO RIBEIRO campeão portuense de xadrez

conta-nos os seus triunfos e fala-nos das suas possibilidades no próximo torneio nacional

TEMPOS atrás, quando se falava de jogadores de xadrez, vinham ao pensamento as figuras de uns cavalheiros de barbas brancas, severas lunetas encarrapitadas no nariz, todos orçando pela casa dos 60 anos, concentrados de frente de tabuleiros brilhantes de verniz e deixando passar horas seguidas em profunda concentração do espirito. Jantava-se ali, junto das pedras, nos cafés de antanho, dos quais nos fala só a recordação — como o velho Chaves, na desaparecida rua de D. Pedro,



no antigo Suíço, no Internacional e em tantos outros que foram o ponto de referência dos portuenses de outrora.

Por isso, quando na companhia amiga de José Pereira de Sampaio, secretário adjunto da direcção do Académico F. C. e um «novo» que está marcando a sua personalidade na gerência do clube do Lima, e de Carlos Gibson, também dedicado amigo e sócio do grupo «alvi-negro», falámos com o campeão de xadrez do Pôrto, João Mário de Almeida Cardoso Ribeiro — ficámos a olhar aquela figura esguia nos seus 14 anos, modesta de maneiras mas com ar que

«basketball» é, na cidade do Pôrto e nos seus arredores, o jogo que mais adeptos — praticantes e simpatizantes — conta depois do futebol.

O «handball» começa agora a movimentar-se, assim como o «hockey» em campo.

Aquêle, dada a sua semelhança com o futebol, conta também com larga assistência, entusiasta, que rodeia os rectângulos e segue os jogos com paixão. O «handball» germinou bem no norte — melhor na cidade do Pôrto. Pena é que a sua propaganda, feita há anos com fervor quasi religioso, se fôsse extinguindo a pontos de nada se haver feito, ultimamente, para a sua expansão pelo país.

Quanto ao «hockey», continua gosando de certa popularidade; mais restrita, é certo, do que no «basketball» ou no «handball», mas mesmo assim relativamente valiosa.

O «hockey» em patins está firme. Pode entregar-se afoitamente a lutar pela perfeição técnica, porque já lhe não faltam entusiastas.

Só o «volleyball» está ainda no período da gestação, chamemos-lhe assim. Mas a seu tempo lhe conhecerá, também, a hora do triunfo.

ROBERTO AMIAL

(Conclui na pág. 15)

capta simpatia. Mal acreditávamos que tínhamos diante de nós um verdadeiro prodígio no mais científico dos jogos que conhecemos.

João Mário tem já o aspecto de um homenzinho, mas quando lhe foi dado medir-se com o dr. Alekhine, campeão do mundo, tinha então a infantil idade de 12 anos — uma prometedora dúzia, como depois se verificou.

O nosso entrevistado de hoje, que principiou a conversar conosco a custo, como que concentrado da situação que atingiu no xadrez ou impressionado pela série de perguntas que disparamos, foi depois tomando confiança, esboçou um sorriso — e as palavras passaram a sair fluentes, sem evasivas.

E assim nos contou ser filho do dr. Adelino Ribeiro, funcionário superior do Banco Nacional Ultramarino, e que frequentava o terceiro ano da Escola Comercial de Oliveira Martins. As ciências abstractas, confessava, provocavam-lhe certo receio... Mas entra propriamente no tema da nossa conversa:

— Tinha 11 anos quando comecei a jogar o xadrez. Lá em casa, meu pai e meus irmãos cultivavam-no. Naturalmente, quis aprender também... Explicação daqui, lição de acolá, dentro em pouco, confesso que sem custo, aprendi a técnica, ou melhor — a teoria do jogo.

«Comecei a ganhar partidas — e a ganhar gosto... Então, meu pai resolveu levar-me um dia ao Grupo de Xadrez do Pôrto, que funciona no «Palladium».

— Era o baptismo de jogador?

— Baptismo, propriamente, não... Seria, quando muito, a minha iniciação fora do ambiente da família. Daí em diante é que comecei a fazer jogos com estranhos, ganhando uns e perdendo outros — e recebendo de vez em quando uma liçãozinha, para reffer os entusiasmos próprios da minha idade...

— Mas foi marcando a sua posição, não é assim?

— Talvez... Compreende: eu era, e sou ainda muito novo... Tive felizmente a vantagem de não me envaidecer com algumas das vitórias obtidas. Questão de temperamento ou de educação...

Mudámos o rumo da conversa e aludimos à partida que disputou em Espinho com o dr. Alekhine. Recordámos que a Imprensa lhe fez, nessa altura, elogiosas referências.

— Tinha cerca de 12 anos. Alinhei, anónimo, entre os 44 jogadores de xadrez que disputaram as simultâneas com o campeão do mundo. Mas não fiz grande resultado... É certo que não fui dos primeiros a «ir abaixo». Quando vi que estava perdido, desisti!

— Desistiu? — perguntámos com a surpresa própria do leigo...

— Sim. Está dentro da tática no xadrez... Quando vemos que não há mais «possibilidades» — desistimos...

Concluiu a explicação a sorrir. Quisemos depois saber como decorreu o torneio que ditou a conquista do seu título de campeão cidadão. Explica-nos:

— Bem, para mim, pelo menos. No final da primeira volta, lutando contra seis concorrentes, porque dois desistiram, tinha obtido 4 pontos. Mantive a mesma média na segunda volta, totalizando 8 pontos em 10 p.síveis. Perdi um jogo e faltei n.º outro, porque estava então em Espinho. O título pertencia-me já e não me era possível então vir ao Pôrto, pois o torneio efectuou-se no «Palladium».

— Partidas difíceis?

— Sim, algumas. Mas noutras tive a sorte

BALANÇO DE UMA EPOCA
POUCO FELIZ

11

DISSEMOS já, em artigo que pode considerar-se o intróito deste desprezioso trabalho, o que tinha sido, na generalidade e sob o ponto de vista desportivo, a temporada velocipédica de 1943. Vejamos agora qual foi a actividade dos corredores independentes e qual o seu comportamento, técnico e atlético.

Houve em 1943, e destinadas aos estradistas da capital, 11 provas.

Estas foram: corridas clássicas dos 50 e 100 quilómetros; Circuito de Lisboa, 100 quilómetros contra relógio; 176 quilómetros em linha; Campeonato Nacional de Fundo; e Circuitos do Estoril, Mealhada, Curia, Espinho e Sangalhos.

Constituíram estas provas dois períodos de competições: um compreendeu as corridas disputadas até ao Circuito do Estoril e manteve em actividade todos os ciclistas independentes; outro foi constituído pelo conjunto de corridas particulares, que só tiveram a participação dos estradistas que ficaram em Portugal, enquanto Lopes, Lourenço, Raposo e Martins andaram por Espanha.

Desta maneira, tal como em 1942, há que verificar o mérito do comportamento dos estradistas, tendo em conta o valor dos adversários com os quais correram. Porque jamais se poderá atribuir o mesmo mérito a um triunfo obtido em luta com o que há de melhor nas hostes velocipédicas, ou a outro conseguido com elementos de segundo plano ou de valor relativo.



ARISTIDES MARTINS

Rebello — o melhor homem do princípio da época

Assim, do primeiro período de actividade constam 7 provas: 50 e 100 quilómetros clássicos; 100 quilómetros contra relógio; 176 quilómetros; Campeonato Nacional; e Circuitos de Lisboa e do Estoril.

Neste conjunto de provas sobressaía, a grande distância de todos os outros concorrentes, o «luminante» João Rebello. As suas vitórias nos «100 contra-relógio» e 176 quilómetros, que dias depois confirmou com o nítido triunfo no Campeonato de Portugal, deram-lhe direito, não só aos títulos de campeão distrital e nacional, como também a ser considerado o mais valioso e mais bem preparado de todos os elementos em actividade.

Em sete provas, Rebello conquistou três primeiros prémios e um terceiro, um quarto, e um quinto e um sexto lugar. E estas classificações seriam ainda melhores, estamos certos disso, se os acidentes sofridos em duas corridas, já com a meta à vista, o não tivessem relegado, nos «50» e «100 clássicos», para lugares secundários. Mesmo assim, Rebello, conseguindo nessas sete corridas uma pontuação de 56 pontos, obteve ainda o quociente de classificação de 8, superior aos 7,8 de Lourenço em 1942, embora inferior aos 8,778 de Raposo, que foi o mais regular estradista do princípio da temporada daquele ano.

Pena foi que João Rebello — por um lado devido à falta de saúde, e por outro — talvez mais por esse — o pouco cuidado posto na sua preparação — se tivesse mostrado inferior às suas verdadeiras possibilidades. Porque se assim não fosse, em 1943 teria talvez igualado, se não ultrapassado, a melhor média de classificação atingida até hoje entre nós: os

9,9 de Nicolau e os 9,5 de Filipe de Melo. Todavia, colocou-se ainda em 3.º lugar, com 64 pontos e o quociente de 8.

Aristides — a regularidade personificada

Coube ao sportinguista Aristides Martins a honra de ser o mais regular em toda a temporada, e de ter sido, enquanto lutou «com toda a gente», também o melhor elemento depois de Rebello.

No primeiro período de competições, Aristides totalizou, em 7 corridas, 47 pontos — média, 6,7; nas 10 provas que disputou em toda a época obteve 70 pontos, sendo assim o melhor classificado da temporada.

Quociente relativamente baixo, é certo, mas que traduz a sua regularidade, o simpático sportinguista demonstrou também que, sem ser um corredor brilhante, é todavia elemento imprescindível numa equipa — daqueles elementos com quem sempre pode e deve contar-se.

Sem uma única desistência, classificando-se normalmente entre os quatro primeiros, Ari-



JOÃO REBELLO

stides só nos 176 quilómetros, com o seu 8.º lugar, ficou além do que vulgarmente pode fazer. Mas, mesmo assim, foi ainda o melhor homem «leonino» da temporada de 1943.

GIL MOREIRA

Vai disputar-se o campeonato de juniores da A. F. L.

Anote-se, porém, que nos dois anos em que o Casa Pia A. C. venceu e, depois, quando a vitória coube aos «deões», a prova foi anulada, depois — é claro — de concluída e apurados os vencedores.

Veio a época de 1935-36 e, com ela, a designação actual de campeonato de juniores. E estabeleceu-se nova lista de campeões. Assim:

1935-36 — Sporting (8)
1936-37 — Belenenses (6)
1937-38 — Carcavelinhos (10)
1938-39 — Sporting (10)
1939-40 — Belenenses (8)
1940-41 — Benfica (9)
1941-42 — Carcavelinhos (11)

Entre parenteses indica-se o número de concorrentes.

Nesta segunda fase da competição foram dezassete os clubes que se inscreveram: Belenenses, Benfica, Carcavelinhos, Sporting e União Lisboa, 7 vezes cada; Futebol Benfica, Operário e Unidos, 4 vezes cada; Casa Pia e Chelas, 3 vezes cada; Cruz Quebrada e S. L. e Olivais, 2 vezes cada; Arroios, Feiteira, Marvilense e Escola da Paia, 1 vez cada.

O último campeonato disputado foi o que reuniu maior número de concorrentes (11), certamente como consequência de a A. F. L. ter instituído um prémio de quinhentos escudos para os clubes que se inscrevessem. Talvez que se a medida fosse adoptada em 1943-44 tivessem surgido mais equipas. Nas duas últimas «edições» do campeonato, os grupos foram distribuídos por séries. E, de ambas as vezes, foram vencedores desses agrupamentos o Benfica e o Carcavelinhos, para, a seguir, se defrontarem numa final. Da 1.ª vez, vitória dos «encarnados» por 2-0; da segunda, triunfo alcançatense por 2-1.

O campeonato de 1943-44 oferece, em relação ao último que se disputou, a estreia do Fósforos e do Atlético, este em substituição do Carcavelinhos e do União Lisboa, por via da fusão de ambos, e a falta do Chelas, Feiteira e Arroios.

O calendário da prova que possivelmente começará no próximo domingo, é já do conhecimento do público. Por isso diremos, apenas, que na 1.ª jornada jogarão: Sporting-Unidos; Belenenses-Marvilense; Fósforos-Casa Pia A. C.; e Atlético-Benfica.

Será descabido apontar o último destes encontros como o de maior interesse da ronda?

DIAMANTINO DIAS

DEPOIS dos campeonatos da I, II e III divisões da A. F. L., vai disputar-se o de juniores, em demonstração inescusável de que a actividade da nossa mais importante Associação de Futebol não pára. Pelo contrário, a A. F. L. continua a evidenciar claramente bons propósitos de cumprir cabalmente a sua missão, defendendo os interesses do desportista e servindo a contento a causa do futebol.

Dentro das novas directrizes dadas ao futebol, a necessidade de fazer escola de jogadores em cada clube impõe-se mais do que nunca. Conseqüentemente, as vantagens do campeonato de juniores, avolumam-se. E, no entanto, a «edição» que dentro de breves dias vai principiar não reuniu mais do que oito concorrentes.

Quem sabe, até se o número de inscritos não teria sido, ainda, menor, se acaso os regulamentos da A. F. L. não determinassem a obrigatoriedade de inscrição para os clubes que constituem a Divisão principal da A. F. L.?

Voluntariamente, só o Marvilense e o Casa Pia A. C. se inscreveram. É pouco — muito pouco mesmo. Não porque o interesse da prova posea só por isso, ser prejudicado. Basta a presença de Belenenses, Benfica, Sporting, Atlético, Unidos e Fósforos para assegurar o êxito da organização, mas o alheamento de outras colectividades traduz falta de entusiasmo ou impossibilidade de vencer dificuldades. Uma ou outra razão — é sempre de lamentar.

*

Ao começar o campeonato de 1943-44, parece oportuno recordar a história da competição. É o que vamos fazer, em breves linhas.

— Antes de lhe ser dada a actual designação, a prova teve o rótulo de «campeonato infantil». Foi assim nas oito épocas que decorreram de 1927-28 a 1934-35. O número total de clubes que concorreram nesses oito campeonatos foi de quinze, mas dois estiverem sempre presentes: o Belenenses e o Carcavelinhos. Os alcantarenses, com três vitórias consecutivas, lograram plano de evidência. A relação dos vencedores ficou assim elaborada:

1927-28 — Benfica
1928-29 — Casa Pia A. C.
1929-30 — Casa Pia A. C.
1930-31 — Carcavelinhos
1931-32 — Carcavelinhos
1932-33 — Carcavelinhos
1933-34 — Belenenses
1934-35 — Sporting

SPORTING —

— clube do Campo Grande

UM nosso leitor envia-nos a carta que segue e transcrevemos na íntegra, pois encerra de facto matéria de interesse:

Sr. Redactor:

Matutei muito antes da feitura deste «artigo». Hoje, que me dispus a concluí-lo, ainda olho com mágoa profunda a ruma incerta de linguadros meio rabiscados que jaz despretada ao canto da minha secretária. Comecei, desisti, recomencei e tornei a desistir; a ruma dos linguadros inutilizados ia crescendo em ritmo de arrepiar os cabêtos, por mais «fixados» ou «abrilhantados» que se encontrassem, e nada de me decidir pelo rumo que mais conviesse imprimir a «crónicas» de semelhante jaez.

Pensei, primeiro, invocar a minha qualidade de cidadão alfacinha e, usando do direito que essa faculdade me conferia, escrever a qualquer diário de grande circulação no país, protestando contra o triste abandono em que se encontram os habitantes daquela linda artria denominada Campo 28 de Maio. Convém esclarecer que o termo «abandonos» aqui empregado nada tem que ver com a escassez de carros eléctricos, da qual todos os meus co-paroquianos se queixam, mais sim da ausência completa de casas de espectáculo ou de diversões que por aquelas bandas semi-arabalinas se nota. Depois, reflecti e considerei que o melhor meio de chamar a atenção para tão momentoso problema era pedir o auxílio de uma emissora de rádio e lançar pelo éter um apêlo em favor de qualquer campanha intitulada: «não deixem finir de tédio os moradores do Campo Grande». Ainda acudiram ao meu cérebro umas seis ou sete centelhas de «génio» do qualate das que já mencionei, mas todas elas perderam o fulgôr ao tomar contacto com uma frase disparada à queima roupa pelo meu primogénito, ente que muito preso e admiro, porque é o meu vivo retrato físico e intelectual, e de cujos lábios inocentes vai esta pergunta: «O pássinho! Por que é que o Sporting não tem a sede no Campo Grande?»

Calculem agora os senhores o embaraço em que me vi... Sim, porque eu não tenho relutância nenhuma em confessar que fiquei embaçado, tanto mais que sei de pessoas de talento muito superior ao meu que também não fariam melhor figura. Quando muito, «torpedeariam» a resposta e responderiam como eu: «o menino é ainda muito novo para discutir semelhantes questões!»... E, a pôr ponto na conversa, despachei-o do seguinte modo: arranja-se porque são quasi horas da aula de gymnastica e ainda tem de esperar que passem três eléctricos cheios antes daquêlle que o deixará lá meia hora depois da aula ter começado!»

Elá foi à sua vida, não sem resmungar pelo caminho (defeito péssimo, de que há-de arrepende-se um um dia destes) — «Pois é, mas se o Sporting morasse onde nasceu, já eu podia ir a pé para a gymnastica!»

Escuso de dizer que aqui arde Troia. Só a idêia é que ele poderia faltar à gymnastica por incapacidade física me impediu de o castigar como merecia. Mas a minha ira tinha de se expandir e nada me conteve que não pedisse à «Stadium» que lançasse esta pergunta — só minha por «afin dade», visto ter sáo formulada por meu filho.

— Por que não pensa o Sporting estabelecer a sua sede no local onde se fundou?

Está bem de ver que esta interrogação pode dar lugar a controvérsias. Eu, porém, sou descendente e, desde já, cedo um pouco... Pois bem, não seja sede, seja delegação, seja filial, seja o que lhe quiserem chamar!...

Mas pensa que no Campo 28 de Maio ficaria muito bem instalada uma casa onde os «leões» se distraíssem e os seus filhos aufferissem os benefícios da educação física. E já que a «adussão» chegou a este ponto culminante, deixem que lhes diga, senhores possíveis contraditores, que esse solar dos leões

Quando a STADIUM pergunta...

conversando com AUGUSTO SILVA

àcerca do Estoril Praia

O Grupo Desportivo Estoril Praia — um valor no desporto português, tanto na prática da cultura física como no aspecto social que empreendeu — conseguiu pela terceira vez consecutiva magnífica vitória no campeonato da II Divisão da A. F. L.

O facto representa algo de relêvo na vida do desporto nacional. Devem ser sempre acolhidas com aplauso manifestações como esta, de inegável vitalidade em relação ao futuro.

Não pode por isso, de maneira alguma, desprezar-se a nítida promessa que desde o primeiro momento nos garantiu o novo grupo desportivo da Costa do Sol, sobretudo logo após o seu ingresso e permanência na II Divisão, sempre rodeada de expectativa e motivada pelas facilidades de que dispõem os estorilenses para se tornarem uma força, um valor nítido.

No entanto, a vitória conseguida não traduz fielmente a luta de competição desportiva que seria lícito ter-se vivido no decorrer do torneio. O triunfo estorilense foi obtido com relativo à-vontade, dadas as características de superioridade que o clube mantém sobre os restantes elementos que formam esse agrupamento de clubes desportivos.

Mas o brilho da vitória não fugiu totalmente aos campeões, tanto ela foi conseguida em aspecto normal de jogo. Vencedor com inteiro merecimento des-este torneio, o Estoril Praia espera agora que o jogo de passagem com o Fósforos lhe traga a desejada vitória e por conseguinte o ingresso na divisão superior.

Enquanto esse jogo não chega — disputar-se-á no fim do Campeonato Nacional — a expectativa mantém-se nos dois clubes.

Muito a propósito, conversámos uns momentos com Augusto Silva, grande nome e forte personalidade do futebol nacional e presentemente treinador dos «teams» do Estoril Praia.

O famoso internacional olímpico, com os seus 26 anos de actividade ligada à bola, no período dos quais treinou o Belenenses, o União Lisboa, o Desportivo de Lourenço Marques, o Santa Clara dos Açores e, sem ser o treinador oficial, várias vezes o «team» de juniores do Belenenses, fez-nos referências interessantes àcerca do Estoril Praia e do futebol em geral.

— O Estoril Praia pode e deve ser alguma coisa no desporto português — começou por nos dizer Augusto Silva. As suas condições es-

daria até ao Sporting recita muito apreciável, porque eu sei bem que no Campo Grande, se não se andar de botê ou de bicicleta, morresse com certeza de tédio...

Ah! Esquecia-me de vos esmagar com este argumento final, caros senhores da eventual oposição: quando chove, não há botê nem bicicletas — mas tão somente as tabernas, com todos os seus perigos!

Já que concordam, sempre vos digo que acabei também por dar razão ao meu garoto, quando ele me disse que o Sporting devia morar onde nasceu...

Muito grato à simpática e popular «Stadium» fica o vosso



Augusto Silva

peciais de vida, o entusiasmo que tem animado os seus dirigentes e o programa da futura actividade, contribuem para rodear este clube da importância e superioridade que disfruta já na vida desportiva nacional. E o desporto — especialmente o nosso desporto — necessita sempre que apareçam valores positivos, como o Estoril Praia, para o desejado desenvolvimento e melhor interesse. Embora se não deva esperar do clube da Costa do Sol «mundos e fundos», conte-se no entanto da sua parte com valioso desenvolvimento em benefício da actividade desportiva portuguesa — e do futebol em especial.

— Prevê então para o Estoril Praia um lugar de evidência no nosso futebol?

— Sem dúvida. Os estorilenses, passando a ocupar um pósto na divisão de honra da A. F. L., forneceriam maior animação ao futebol lisboeta, pois têm conseguido nivelar-se aos grandes clubes, pela dedicação dos directores e dos associados.

— Há no entanto que contar com o jogo de passagem...

— Decerto. E o Fósforos é um «team» que se impõe pelas suas especiais características. No entanto, empregarei todos os esforços para que o meu «team» consiga o melhor resultado nesse jogo decisivo. O Fósforos é para os estorilenses adversário perigoso. E a confirmar esta minha opinião temos os jogos de passagem que efectuámos...

— Estará o Estoril Praia esta época melhor apetrechado para impôr a sua superioridade?

— A forma como o grupo se tem exibido esta época satisfaz-me relativamente. E isto porque para os estorilenses não tem havido adversários os jogos difíceis. Que mais se pode exigir de um «team» que, sem se empregar «a fundo» no jogo, vence por margem folgada de «gols»?

«O recente torneio de Lisboa foi para os estorilenses um «passelo». Até mesmo os resultados menos volumosos não deixaram de ter a característica de jogos sempre favoráveis ao Estoril.

— Em favor do poder da equipa, que solução lhe parece mais lógica?

— Só uma: o alargamento da I divisão, porque, dada a hipotese do Estoril Praia passar à divisão superior, estou certo de que o mesmo aspecto se daria com o Fósforos. É esta opinião julgo ser a de todos quantos frequentam os jogos desta divisão. No entanto, creio que as entendidões dirigentes do futebol apreciarão devidamente este assunto, encontrando a solução que melhor sirva ao interesse dos clubes e do futebol lisboense.

— Como encara o comportamento da equipa esta época?

— O «team» tem jogado sob novas directrizes. Não esquecendo que o futebol lístico é um jogo de mocidade — e hoje no desporto-rei pretende-se, mais do que tudo, ligeireza — é preciso criar no espírito da equipa o sentido do jogo prático, que se pode traduzir assim: chegar o mais depressa possível à ballisa...

«Os estorilenses, abrangendo estas directrizes, caminham agora mais para o «goal». Talvez por isso, no ano passado durante o campeonato Lisboa, marcaram 80 «goals» contra 22. Este ano, obtendo 95, sofreram apenas 11!»

— A sua «apreciação» quanto aos jogadores estorilenses?

— Estou satisfeito com todos. Têm auxiliado, com o seu interesse, a minha boa vontade. O «team» possui bons elementos — e melhor conta dariam de si se não fosse o à-vontade com que, pela natureza dos adversários, disputaram os jogos.

«É pena que o clube não disponha de um «team» reserva, composto por elementos que de um momento para outro pudessem dar descanso aos jogadores do grupo de honra, tanto

GASPAR MAGRO

(Conclui na pág 12)

COMEÇAM A DEFINIR-SE AS POSIÇÕES...
SPORTING e ATLETICO isolados na posição de "leaders"
Gracas ao empate entre o F.C. PORTO e o BENFICA



SPORTING-SALGUEIROS: Peyroteo (encoberto) marca um dos dez "goals" do seu clube (Foto Nunes d'Almeida)

ASPECTOS F. C. PORTO - BENFICA
 1 — Barrigana defende com um esgar de esforço. 2 — Outra defesa do guarda-redes portuense numa fase cheia de movimento. 3 — Pires e Sarrea lutam pela posse da bola. 4 — Francisco, defesa do F. C. Porto, procura opôr-se a Julinho. 5 — A alegria manifestada pela marcação do 1.º «goal» dos portuenses.
 (Fotos Hermann)



SPORTING-SALGUEIROS: O avançado-centro nortenbo deixa-se desarmar pela defesa dos «leões» (Foto Nunes de Almeida)



SPORTING-SALGUEIROS: Peyroteo, em tarde brilhante, dá que fazer à defesa dos «encarnados» do Pôrto (Foto Nunes de Almeida)

QUAL O ACONTECIMENTO DESPORTIVO MAIS IMPORTANTE DO ANO E QUAL O MELHOR ATLETA DE 1943? . . .

POUCOS dias restam já para chegarmos ao cabo de mais um ano de actividades desportivas e para entrar-se em nova anuidade de trabalhos. Por isso a «Stadium», querendo interessar os seus leitores, de modo geral, em qualquer coisa que possa prender-lhes a atenção e ser-lhes útil, lembrou-se de lançar, nas suas colunas, dois inquéritos a um tempo: num deles, procura-se saber qual o acontecimento desportivo mais importante do ano; noutro, pretende-se que o publico eleja o seu atleta favorito de 1943.

Qualquer pessoa pode responder. E nós iremos elaborando a tabela respectiva, que publicaremos à medida que o inquérito decorra, anotando-se a votação consoante o número de respostas. É certo que podíamos nós próprios escolher, não o atleta favorito, que isso é função do público, mas o acontecimento julgado de mais importância no seu aspecto geral. Mas, assim, com a cooperação do leitor — juiz supremo nestas coisas — os inquéritos têm mais sabor e mais verdade. É uma espécie de escrutínio secreto — pois sómente começaremos a publicar os seus resultados depois de determinado número de respostas. . . A consulta, entretanto, prosseguirá, pois a votação pode — é até natural que isso suceda com frequência, porque as opiniões divergem — oscilar de semana para semana.

Como responder? É fácil: um simples postal basta. Nêle escreva-se o nome do atleta favorito e indique-se qual o acontecimento tido por mais importante. Direcção da «Stadium», endereçada a «Dois inquéritos». Nós faremos, depois, a divisão dos assuntos.

Mas para tornar esta ideia ainda mais interessante, todos podem justificar o porquê da sua preferência (então as respostas devem ser-nos remetidas por carta fechada, com endosso igual: direcção de «Stadium» «Dois inquéritos») devendo essa justificação não ultrapassar três linhas dactilografadas. Se as justificações forem susceptíveis de despertar interesse geral de leitura, publicá-las-emos, até com indicação dos autores, pois os correspondentes devem indicar sempre o seu nome, para efeitos de consulta, quando necessária, e conhecimento nosso. Mas, também, se quiserem eleger sómente, sem indicação de nome, podem fazê-lo, pois não se trata de concurso a prémio (se o houver será para o favorito — atleta — do inquérito que lhe diga respeito) mas sim de simples consulta pública. . .

Não há, em qualquer dos casos, interesse especial por determinada modalidade desportiva, no que respeita ao acontecimento mais importante do ano. O leitor escolhe-lo livremente, conforme a sua preferência, justificando-a, se quiser. Quanto ao atleta melhor de 1943, também não haverá distinção de espe-

cialidades: atleta compreende-se por qualquer praticante, seja ele jogador de futebol, «rugby», «basketball» ou ténis, praticante de atletismo, de natação, de esgrima — de qualquer modalidade, em suma. É natural que o futebol tenha a predileção do publico, mas isso não impede que o melhor atleta de 1943 não seja jogador de futebol. . .

Leitores: vamos ao inquérito! Não custa nada! Dár-se-á uma compensação publica — pode até ser motivo de consagração — aos praticantes do desporto que mais se distinguiram, pelo seu apuro e desportivismo, pela sua conduta e mesmo pela sua acção de atleta.

A partir de 15 de Janeiro de 1944 tornaremos publicos os primeiros resultados. Até lá, aguardaremos que os leitores se pronunciem. Tem todos a palavra. . .

Equilíbrio de valores na 3.ª Divisão da A. F. L.

O campeonato da 3.ª Divisão da A. F. L., de que, no domingo se disputou a quinta jornada da 1.ª volta, está a decorrer este ano com mais equilíbrio do que nas épocas anteriores.

Não há, pelo menos até à data, um grupo que se tenha salientado, evidenciando nítida superioridade sobre os demais concorrentes. Pelo contrário, tanto no núcleo de Lisboa, como no núcleo de Cascais, o equilíbrio entre as várias equipas concorrentes é notório. E como motivo de interesse, este pormenor é, de facto, importante — com vista às jornadas futuras do campeonato.

Os resultados de domingo foram os seguintes:


Desp. Olivais, 5 — Palmense, 1
Picheleira, 2 — Arroios, 1
Sintrense, 3 — Bom Sucesso, 1
Paço de Arcos, 3 — Cascais, 3
Parede, 3 — Oeiras, 2

Pode bem considerar-se como resultado sensacional e inesperado, a vitória alcançada pelo Desportivo dos Olivais sobre o Palmense.

Para mais jogando no seu campo, nunca seria de prever uma tal superioridade por parte dos rapazes dos Olivais, que venceram desta maneira, um dos mais sérios obstáculos do campeonato. O Olivais vê, assim, aumentarem consideravelmente as probabilidades com vista ao primeiro posto.

A vitória do Picheleira sobre o Arroios já se pode considerar como um resultado normal, se bem que, tendo o Arroios, por seu turno, a vantagem de jogar em «casa», não seria de admirar que se registasse uma vitória do Arroios, grupo que ainda esta época não atingiu a sua melhor «forma».

O Picheleira, que de momento ocupa o ter-

 Quando a STADIUM pergunta...

conversando com

AUGUSTO SILVA

(Conclusão da pag. 9)

mais que há alguns que pela sua constituição física necessitam repousar uns jogos. Esta dificuldade nos estorilenses é de facto sensível. E sobre este caso o clube tem de resolver.

— Que comportamento espera na 2.ª divisão do nacional?

— O grupo deve dar boa conta de si. Mas foi infeliz na escolha da série. Por tudo teria conveniência em disputar os jogos do grupo C. Encontraria adversários mais difíceis, entre os quais os dois últimos classificados da 1.ª divisão regional.

Augusto Silva tem verdadeiro prazer nesta sua missão de orientador técnico de equipas de futebol. Por isso é impossível, falando com o grande jogador, não colher soma valiosa de opiniões sobre o futebol e a sua técnica. Ouvindo-as, reconhece-se o seu saber e pode avaliar-se a verdadeira razão por que consideramos Augusto Silva elemento precioso na direcção de qualquer grupo.

Algumas observações são de mestre:

— Dentro de um «team», qualquer dos seus compartimentos tem missão especial a cumprir, com influência no jogo. Por isso, cada jogador deve demonstrar conhecimento absoluto das necessidades do lugar que ocupa, além de se compenetrar de que tem de possuir o mais accentuado espírito de equipa e espírito de sacrifício. Isto deve constituir naturalmente a base da formação de um jogador quando nas categorias inferiores. É que esse jogador começa aprendendo o futebol quando ingressa no primeiro «team». Ora tal aprendizagem devia tê-la recebido convenientemente antes de lá ter chegado. . . A categoria de honra deve servir sómente para se adaptar à mobilidade do jogo, ao ambiente que sempre rodeia a categoria principal.

«Se isto não se verifica, atribuo-o à má aprendizagem — muitas vezes, até, à fraca disciplina voluntária que se nota nos nossos rapazes da bola. Sublinho o facto de virmos em clubes de melhor nome, jogadores que não sabem parar uma bola como deve ser, que são demasiadamente «canhotos», contrastando com outros d' massadamente «direitos»; este aspecto, quanto a mim, provém da tal falta de disciplina voluntária que não querem aceitar quando dão os primeiros pontapés. Por isto, torna-se absolutamente necessário, para quem está à frente da orientação técnica de um grupo, inculcar no espírito dos jogadores que o A B C do futebol reside no saber dominar a bola. Conseguindo este pormenor atinge-se a base perfeita que servirá para lançarmos grandes ou simplesmente bons jogadores. Isto tem sido a minha preocupação — e dela tenho tirado os melhores resultados!

Eis o que nos disse Augusto Silva, em conversa amena.

FERNANDO SÁ

ceiro posto na classificação geral, revela sucessivos progressos, em relação à «forma» do ano passado, sendo lógico admitir que venha a ter, no decurso do campeonato, uma acção interessante, batendo o pé mesmo aos melhores.

No núcleo de Cascais, a luta continua animada, havendo, tal como na série lisboeta, equilíbrio de valores.

No domingo, o Parede — «leader» da classificação geral — encontrou no grupo do Oeiras — penúltimo da classificação geral — séria resistência, triunfando pela diferença mínima (3-2) o que dá bem a ideia da igualdade de valores que se verifica entre os grupos da Costa do Sol.

O Sintrense, que, embora estreante na competição, possui uma boa equipa, e que, presentemente, marcha em segundo lugar, desembracou-se com facilidade do «velho» grupo do Bom Sucesso, a quem venceu por 3-1.

Paço de Arcos e Cascais sustentaram a luta mais equilibrada da tarde. Empataram por 3-3. Trata-se, realmente, de dois grupos de valor muito aproximado, separados na tabela da classificação pela mínima diferença de um ponto.

Esplanada do Vilanovense Futebol Clube

CINEMA SONORO AO AR LIVRE

Rua Vilanovense Futebol Clube — Telefone 3725

VILA NOVA DE GAIA

SEMPRE BONS PROGRAMAS
A PREÇOS POPULARES!

MODELARES INSTALAÇÕES
PROJECCÃO ZEISS IKON

No Inverno e Outono:

Sessões aos Sábados, Domingos e dias Feriados

Na Primavera e Verão:

Sessões às Terças, Quintas, Sábados, Domingos e dias Feriados

RECOMEÇOU A ACTIVIDADE NO ESTORIL

NOTAS... SEM VALOR

OS jogos do campeonato regional de «hockey» em campo têm sido mal orientados na finalidade desportiva... Tem havido muita «liberdade» de movimentos por alguns praticantes. No Pôrto-Académico, António Barroso, do Leixões, facilitou o «trabalho» — deixou o terreno livre a dois «cot-dos» hoquistas do Pôrto. É um caminho perigoso, de pouca expansão para «desporto» tão belo.

Saiu em «branco» o bilhete futebolístico, com resultados dos dois representantes do Norte no campeonato nacional da 1.ª divisão. Foi um domingo glorioso para o Pôrto — cidade — com a vitória do campeão regional, em Setúbal, e do Salgueiros, no seu campo. Tomou, portanto, outra fisionomia o torneio da Federação, com referência aos jogadores portugueses.

O ataque dos Salgueiros, com Augusto a interior-direito, foi mais aguerrido — marcou «goals»... Penetrou no «espírito» dos cinco artilheiros do clube «encarnado» a ideia de jogar ao ataque.

Não «convenceu» ainda o treinador do Pôrto, pelas suas exhibições, o defensor-esquerdo, Alfredo. Tem agora, com provas já prestadas, um directo concorrente da mesma equipa: Francisco.

Dois baixas no futebol português: uma no Académico, de Gambôa, e outra no Pôrto, de Alvarenga, saídos do continente. Fazem muita falta.

Os promocionários voltaram a reunir, na sede da A. F. Pôrto, para melhor unidade de vistas — saber as boas intenções do organismo regional na distribuição dos clubes pelas séries do campeonato promocionário. Discutiu-se «muito pouco» — e ainda bem, para desfazer a má impressão causada pela anterior reunião. Venceu a «vontade» da Associação, com o seu projecto apresentado aos delegados promocionários.

O «Pac» deixou o «convívio» da entidade nortenha. Ingressaram em «pêso» no Boavista, para jogar «handball». Recepção agradável dos adeptos do clube do Bessa.

Foi um «golpe» de morte para os aventureiros do «handball», o informe, vindo de outra origem, de uma «possível» transferência de clube. Caiu Tróia no meio da modalidade...

Novas instalações da Comissão Distrital dos Arbitros, «obrigadas» pelas necessidades dos seus dirigentes. Funciona no mesmo edificio da Associação de Futebol, com autonomia associativa.

ATLETISMO

A ginástica na preparação do atleta

EM pleno mês de Dezembro, é tempo dos nossos atletas começarem a pensar a sério na sua preparação, com vistas à próxima época.

Essa preparação deve ser feita, como é lógico, com a prática consciente e regrada de exercícios ginásticos apropriados à especialidade que cada um pratica, isto a-par de cultura física geral, para que determinados órgãos não caiam no esquecimento, enquanto outros suportam benefícios exclusivistas...

Diremos, pois, que os cursos ginásticos para atletas devem ser orientados com todas as cautelas — maiores, nesta salutar modalidade deportiva, que em quaisquer das outras.

Não basta fazer alinhar os diversos praticantes do atletismo numa sala, mais ou menos arejada, e obrigá-los a executarem determinados exercícios. Embora estes se tornem indispensáveis à cultura física geral de cada individuo, outros há que se impõem: os destinados a trabalharem este ou aquele órgão, este ou aquele membro, de acôrdo com a especialidade que se pretende praticar, aqui está a razão por que sempre preconizámos a especialização do praticante de atletismo — já porque, neste

VOLTOU a animar-se o campo de «golf» do Estoril. A secção de «golf» da Sociedade Estoril Plage, a quem se deve a expansão que a modalidade alcançou no nosso país, deu já começo às provas de 1943-1944, com a costuma e característica regularidade.

E, com efeito, digna de aplausos a dedicação dispensada a este salutar desporto. Provocou o entusiasmo e manter o interesse dos seus adeptos, que só não são em maior número porque a prática do «golf» é imensamente dispendiosa, somente tem sido possível variando os moldes das competições ou introduzindo novidades no calendário das provas. Isso tem sido o segredo do êxito das organizações do Estoril.

caso, a sua preparação ginástica pode ser mais consciente, já porque a sua preparação técnica pode tornar-se mais apurada.

É tempo dos clubes da nossa cidade começarem a preparar os seus atletas. E estes não se «fazem» só com dois meses de «voltinhas» à pista, a ver quem chega primeiro...

Os três meses de inverno devem ser passados no ginásio, sob a orientação de um professor e de um médico. A este cabe o papel de vigia ao organismo de cada um dos praticantes, registando, em ficha própria, os efeitos do trabalho ginástico — base indispensável para o treinador da técnica atlética, que, perante essas fichas, será capaz de analisar facilmente das possibilidades físicas deste ou daquele aluno, e exigir-lhe, por isso, um esforço limitado à bitola que o médico lhe oferece.

Em resumo: muito antes de se pensar em sapatos de pregos, muito antes de se pensar em sítios, em corridas ou em lançamentos, o aspirante a atleta tem muito com que se preocupar — tem muito que fazer: ora este trabalho será realizado no ginásio, sob as vistas — isto é importante! — de médico competente.

Mas não termina aqui a preparação a que o atleta deve submeter-se durante o inverno.

Para que ela se torne completa, falaremos ainda das provas ligeiras de «cross» e das lições teóricas da técnica. Isto é: aos domingos, pela manhã, e quando o estado do tempo o aconselhar, será bom levar a efeito ligeiras provas de «cross», destinadas aos praticantes de todas as especialidades: corredores, saltadores e lançadores. E nestas provas o médico encontrará novo «controle» para avaliar das possibilidades físicas de cada individuo.

Por outro lado — e aqui entra em acção o treinador — devem dar-se a conhecer aos atletas, em duas ou três lições semanais, os mais profundos pormenores técnicos do atletismo. E, sendo possível, auxiliar essas lições teóricas com projecções de filmes ou de desenhos próprios.

Traçámos, de maneira leve, o plano de preparação que o praticante de atletismo deve seguir durante o inverno. E parece-nos bem que já vão sendo horas de se começar a trabalhar...

Têm a palavra os clubes...
EDUARDO SOARES

Um lote de jogadores que ronda, de perto, a casa dos cinquenta, leva quatro meses seguidos, travando, semana a semana, luta leal e renhida, sempre com o mesmo entusiasmo e interesse, quer os resultados sejam vitórias ou derrotas. Ganhando hoje, perdendo amanhã, todos evidenciam pela prática do «golf» uma paixão tão ardente, que — pode dizer-se — não se têm registado baixas. Bem pelo contrário, o número de jogadores aumenta de prova para prova. E não são os portugueses quem menos contribuem para o aumento dessa falange. Os seus nomes aparecem já com frequência nas listas das classificações, de permoio com o de jogadores estrangeiros, que se fixaram na Costa do Sol ou ali se encontram acidentalmente.

A temporada de 1943-1944, que recentemente foi inaugurada, apresenta-se capaz de não desmentir a tendência de expansão que o «golf» tem evidenciado. Basta olhar o calendário de provas para se observar que os praticantes do «golf» têm todas as semanas uma competição, em moldes variados.

As primeiras provas vão já disputadas. E com vantagem para os portugueses — apraz-nos registar.

Nos dois torneios de abertura, provas de ensaio, um feminino e outro masculino, os lugares de honra couberam a jogadores estrangeiros: M.^{me} Ewa Lundqvist e A. Rankine. E os primeiros nomes portugueses surgiram em terceiro lugar.

Mas, nas duas competições que se seguiram, já os portugueses brilharam.

Na taça «Biscoe» o vencedor foi o dr. José Espírito Santo Silva, seguido de António Casanova, dr. José Melo Breyner, eng.º Domingos Alambre e Francisco Cabral. Os «novos» impuseram-se decisivamente, colocando-se à frente dos mais categorizados jogadores nacionais. O sempre difícil J. C. Irving ficou em décimo lugar.

Claro que isto nada significa. A época está no começo e a boa forma, por vezes, chega mais tarde.

Na taça «Spalding», que reuniu 37 inscrições, a vitória pertenceu a António Possor de Andrade, seguido de M.^{me} C. Jaulet, H. X. Dupont, R. Borland, E. Norton e dr. Ricardo E. Santo Silva. Depois o português melhor classificado foi Luís de Sousa Lara. Excelente desforra dos mais antigos praticantes portugueses da modalidade.

São assim as provas no Estoril, sempre renhidas e constituindo verdadeiras incógnitas. Nunca se sabe quem ganha...

A época prosseguirá animada até fins de Março, com provas individuais e de equipas. O Campeonato Nacional está marcado para os últimos dias de Janeiro (29, 30 e 31) e os «Internacionais» para os primeiros dias de Março (2 e 3). Uma novidade no programa: a taça «Tablada», para ser disputada inter-clubes.

D. D.

Fábrica de Conservas

AVIZ
IMPORT
EXPORT

Edmundo Ferreira

Rua D. João I, 123

MATOZINHOS
(PORTUGAL)

FACTORY
VILA do CONDE
PORTUGAL

Telefone, 272-M
Telegramas: AVIZ

UMA VEZ POR OUTRA

HÁ frases que têm sabor especial e valem pela intenção com que são proferidas. Ainda há pouco tempo, em certa reunião hipica, ouvimos uma que merece, realmente, assinalar-se. Mas contemos como o «caso» se passou. Em determinada prova, de carácter puramente militar (logo, a frase, teve a-próposito...) que se disputou nos terrenos do Jockey Clube, corria, pela primeira vez, um cavalo de nome «Desde já...»; mas o animal não parecia disposto a folgar! Ao chegar perto de um obstáculo, recusou-se a saltar, uma, duas e três vezes; a última, conforme o regulamento, implicava desclassificação. E o «speaker» não esteve com «meias-medidas», proclamando alto e em bom som: — «Desde já...» desclassificado! Um espirituoso, a seu lado, comentou então: — E naturalmente ainda vão levantar-lhe o processo disciplinar...

CONCLUÍU-SE há dias o quarto campeonato infantil de ténis de mesa, competição que, apesar de ter reunido menor número de concorrentes que os torneios anteriores, foi disputada com muita animação e despertou, naturalmente, a maior curiosidade. Ganhou o Internacional, um clube antigo, mas cuja actividade de não diminuiu. E ganhou, note-se, pela primeira vez. Nas anteriores haviam triunfado o Sporting (2) e Benfica, tendo o «Cif» alcançado o segundo lugar na prova de 1942. Quere dizer: estreante há um ano, voltou para ganhar! E com mérito absoluto. Tanto que — e aqui reside a curiosidade dos resultados — os «scores» foram perfeitamente iguais nas duas voltas! Até parece combinação... Mas isso só reflecte que os pequenos «internacionalistas» — na verdade infantis, pelo aspecto e estatura, nunca pela maneira de jogar! — se portaram com galhardia, procurando coordenar os seus esforços de maneira a marcar superioridade. Um bravo aos novos campeões, que conseguiram uma coisa inédita (pode chamar-se-lhe «record»?) na modalidade do ténis de mesa: fazer precisamente resultados iguais, contra os mesmos adversários, nas duas vezes que os defrontaram.

FESTA de camaradagem desportiva e de solidariedade entre jornalistas — chamou a imprensa, toda ela, ou quasi toda que a festa se referiu — ao jantar de confraternização dos redactores e colaboradores da «Stadium». E realmente foi assim mesmo — pois o «ambiente» era o melhor possível. Uma verdadeira reunião de amigos e de camaradas. Não era a primeira vez que tomavamos parte em festas do género; mas foi a primeira — isso sim! — em que nos sentimos completamente à vontade, entre verdadeiros camaradas, dignos do nome. Palestrou-se amigavelmente — sem rodeios e com sinceridade e verdade. Houve, claro, os chamados discursos de circunstância — mas mesmo nesses «conversou-se»... Em síntese: — uma recordação agradável (que saudades de outros tempos e noutras circunstâncias!) que para sempre ficará gravada no espirito de quantos se associaram ao banquete. Que pena estas reuniões (o dr. Salazar Carreira alvitrou isso mesmo) não se repetirem todas as semanas, ou, ao menos, uma vez por mês...

NEM toda a gente compreende o alto significado da palavra «camaradagem!» E então entre jornalistas... Pois ainda há dias um nosso colega nos manifestou o seu descontentamento pelas «beliscaduras» de outro colega! São ambos de jornais diários — mas de funções diferentes! Contudo, oficiais do mesmo officio, um deles tem a seu cargo o comentário geral de uma prova que, apesar de secundária, se disputa desde o Minho ao Algarve; e, claro, como n'guem tem o dom supremo da obliquidade e da clarividência, limita-se a ajuzar (e a comentar, consequentemente...) pelo que viu e observou em circunstâncias análogas, noutras ocasiões, ou pelo que julga saber, em face do desenrolar dos acontecimentos, naquela ocasião; o outro, esse, nem sequer comenta, pois limita a sua acção a deduzir do que julga compreender através das notícias do primeiro... Como vêem, os «casos» são distintos e não uniformes! Mas o «camaradagem» em questão não lê pela mesma cartilha

A HUMANIDADE TEM PRESSA...

PIERRE PELLETIER que foi um jornalista brilhante, de há mais de quinze anos, no diário desportivo parisiense «L'Echo des Sports», chamou à velocidade «aristocracia do movimento». É uma imagem tão feliz como justa pois que, no domínio da mecânica, a relação espaço — tempo é a mais singular e omnipotente sujeição do género humano.

Conquistar a liberdade de acção, isto é, autonomia e independência, reduzindo o despotismo do tempo, foi sempre uma das aspirações profundas do homem. Ele quis, desde as mais remotas origens da criação, sacudir esse jugo; no entanto, só aos indivíduos de eleição, aos mais capazes, valentes e industriosos coube tentar essa vitória e obtê-la. Por isso mesmo lhe chamou o notável jornalista, a velocidade, aristocracia, deixando à morosidade e à duração desportivas, que têm um nítido carácter de estática, a classificação de plebeísmo e de vulgaridade.

O homem, criando o motor e servindo-se da mecânica, move-se cada vez mais depressa dentro do ritmo compassado do relógio. O motor tem sido o *deus-ex-machina* deste progresso e desta vitória, hoje banal mas sempre admirável, o domínio dos ares.

Um dia merece que seja feita nestas colunas a história paciente da luta travada pelo «mais-pesado-que-o-ar» contra o elemento gasoso e contra a rotina e incredulidade populares.

Actualmente, passados apenas 35 anos, desde os primeiros vãos dos irmãos Wright até às velocidades, altitudes e distâncias atingidas e vencidas, o aeroplano assombra a imaginação mais arrebatada e novelesca. O mesmo diremos do automóvel, da lancha a motor, da motocicleta e, até, do caminho de ferro, por demais banalizado e conhecido.

Passando em revista os actuais «records», em cada uma das especialidades atrás citadas, ver-se-á como é justo confiar, numa breve continuação, após a guerra mundial, no crescente e sistemático progresso da máquina e do artificio humano.

Presentemente ou, melhor, antes de 1940, o homem mais veloz do globo terráqueo era Fritz Wendel. Este magnífico piloto conquistava, a 26 de Abril de 1939 num aeroplano de caça Heinkel He-112, o máximo absoluto de velocidade no ar com 755,188 km/hora. A tentativa efectuara-se percorrendo 3 vezes uma base quilométrica, sempre mudando de sentido, e tomando o tempo médio do percurso.

Anteriormente o «record» pertencia a um

do que nós, ou então não soube interpretar a sua leitura! E vá de «desancar» no colega, comentando... o comentário daquele! Isso seria o menos — e de si não viria mal ao Mundo — se não se desse a circunstância de o «beliscar» com... frases intencionais. Isto de compreender o alto significado da palavra «camaradagem» não é para qu'quer. Mas desculpe-se-lhe a intenção — talvez pela necessidade de botar figura! Perdoai-lhe, Senhor! Que, na verdade, «vozes» daquelas nem passam do Mundo...

DOIS nomes, dois símbolos do desporto: Joaquim Leote e António Montez. O primeiro foi — e é ainda — estrénuo propagandista dos desportos náuticos; o último é devotado praticante do tiro. Ambos foram homenageados, na semana que findou, pelos seus clubes: o Naval de Lisboa e o S. T. 2 (antigo Grupo Pátria). Significa isso que há ainda quem reconheça o mérito pessoal e que vale a pena ter sido desportista. António Montez, na sessão de encerramento do Jubiléu de Ouro da S. T. 2, celebrada na Sociedade de Geografia, teve a satisfação de ver o seu esforço compensado pelas entidades oficiais, pois o Chefe do Estado distinguiu-o com o grau de oficial da Ordem de Cristo, collocando-lhe no peito o distintivo daquela condecoração. «Stadium» associa-se à homenagem, saudando os dois desportistas — glórias e símbolos da «velha guarda».

PEDRO DE MONTALVO

hidroavião e ainda hoje, nesta especialidade, se mantém intacto. Fóra o italiano Francesco Agello, que num Macchi atingiu 708,209 km/hora, no dia 23-10-94.

Em terra pertence ao automóvel o domínio da velocidade, embora a um automóvel especial com 4 rodas duplas e um motor potentíssimo. Foi o inglês John Cobb, que no dia 28 de Março de 1939, num carro Raitlon Red Lion, em Bonneville (EE. UU.) percorreu 595,041 km/hora numa pista de areia consistente.

Este feito sensacional, com velocidade ou embalagem prévia, executou-se num quilómetro percorrido em 2 segundos. O «record» de velocidade com partida estática foi, pela última vez, melhorado em 1937. Aos 16 de Junho desse ano, o ás do volante, alemão, Rosemeyer, na auto estrada denominada Reichsautobahn, alcançou 364,400 km/hora num carro Auto-Union.

Antes de Cobb o «record» pertencia ao capitão inglês George Eyston pilotando o *Trovão* à velocidade de 574,960 km/hora (Bonneville) a 16 de Setembro de 1938.

No elemento líquido a velocidade máxima atingida foi de 228,102 km/hora. Tal proeza foi levada a efeito por Malcolm Campbell no dia 19 de Agosto de 1939, no lago de Coniston (Inglaterra). A distância de 1 milha (1.652) foi percorrida em 2 segundos pelo «Pássaro Azul» II. Este barco a motor pesa duas toneladas e tem um motor Rolls-Royce de 2.700 cavalos. O hélice propulsor dá cerca de 7.000 rotações por minuto!!!

Juntamente com estes três «records» mecânicos é justo citar o de motocicletas, pertencente ao corredor alemão E. H-nné, numa B. M. W. A 12 de Outubro de 1938 o inerte corredor fez o quilómetro lançado em 13,235 segundos ou seja à velocidade horária de 272,008 quilómetros.

Merece particular menção o «record» ferroviário. A velocidade num dado instante não pode interessar mas sim a velocidade comercial ou do horário. Assim precisaremos de distinguir várias categorias: o comboio vulgar, não aerodinâmico, a auto motora, a tracção Diesel-eléctrica, ch.

A Inglaterra detém o «record» quanto a comboios vulgares: o expresso Londres-Glasgow percorre a distância de 646 km. em 5 horas e 53 min. (ida) e 5 horas e 44 min. (volta) ou seja a média superior a 110 km/hora.

No entanto, a mais admirável proeza cabe aos americanos, pois que o «City of Denver» percorre 1 017,23 milhas, em 12 horas, 12 minutos e 27 segundos, entre as cidades de Chicago e Denver. A velocidade média é de 134 km/horas num trajecto de mais de 1.636 km. de extensão. Durante grande parte do percurso este comboio, movido por um sistema Diesel-eléctrico, chega a atingir velocidades fabulosas, entre 190 e 200 km/hora!

Tanto no ar, como em terra e na água, o homem vai procurando e conseguindo tornar-se mais veloz e tende a anular o fenómeno bem conhecido do som. Por ora, é um limite distante, mas é possível que, no futuro, o avião de desloque tão depressa que esse limite seja ultrapassado, marcando-se então um novo pilar no progresso mecânico.

PASTELARIA E CERVEJARIA

“STADIUM”

Coelho da Costa & Almeida, L.da

117, R. do Bonjardim, 119 - PORTO - Tel. 6402
(abaixo do Cinema Rivoli)

III

AS MELHORES BEBIDAS

E O MELHOR SERVIÇO

III

Aberto até às 2 horas

DIAS PEREIRA

fala-nos de «basketball»

NESTA série de entrevistas-relâmpago com diferentes entidades do desporto (dirigentes, praticantes ou simples espectadores das diversas modalidades) de-puseram já individualidades afectas ao «hand-ball», «hockey» em campo, patinagem, ténis de mesa, «volleyball», «boxing» e luta greco-romana.

Cabe agora a vez ao «basketball», na pessoa de José Dias Pereira, figura de relevo no meio. Dias Pereira, nosso antigo e querido camarada de jornalismo desportivo, foi jogador categorizado e árbitro muito competente, desempenhando depois funções directivas, e é, na actualidade, presidente do conselho técnico da A. B. L. Jogou pelo Sporting, o seu clube de sempre, e ainda há poucos dias voltou a calçar botins e a envergá-la a camisola do clube para de-freontar a equipa de veteranos do Ateneu Comercial, na festa de homenagem póstuma ao malogrado António Martins. Foi director da Associação de Lisboa e da Federação de Basketball, e, junto desta, delegado pela Associação da Costa do Sol. É, por conseguinte, uma competência na especialidade, unanimemente reconhecida por quanto apreciam as suas qualidades de orientador técnico do «basketball» nacional. E estava, por isso mesmo, indicado para depôr nesta série de entrevistas curtas.

Uma simples telefonada — entre camaradas as praxes são abolidas, por inuteis — e o Dias Pereira pôs-se imediatamente a nossa disposição para falar para a «Stadium». Do que éle disse, aproveitamos o que possa interessar ao leitor, elucidando-o acerca do estado actual do «basketball» português, e, especialmente, em Lisboa e arredores.

—Que penso do «basketball», na actualidade? O melhor possível, porque o contrário

seria estulticia, dado que a modalidade tem tomado, ultimamente, grande desenvolvimento. Mas entendo ser necessário que todos se integrem, o mais depressa possível, na estrutura da nova organica geral do desporto, a-fim-de que se conheça progressão mais concentrada do desenvolvimento natural e a própria expansão da modalidade. Em Lisboa, como de resto em todo o país, o «basketball» tem publico fiel e é, pode dizer-se, um desporto feito! Os esforços levados a cabo para o impôr têm sido de sempre — e hão-de, logicamente, continuar a desenvolver-se em todos os sectores. Mas o êxito não podia ser melhor. Venceu-se, eis tudo... Agora, há que caminhar com segurança, porque a «estrada» é sinuosa e é preciso evitar os obstaculos que se nos deparam! Mas o caminho percorrido, esse, foi seguro.

«No que respeita à orientação geral, é relacionamento pena que pouco se tenha feito (ou quasi nada...) este ano, ou esta época, para melhor dizer. As provas particulares são interessantes e uteis, até certo ponto, mas os campeonatos regionais constituem a base de toda a actividade, o indice do que pode valer qualquer modalidade desportiva. É preciso não esquecer que estamos no fim do ano — e que o campeonatos se arrastam, sem proveito nenhum, quero dizer, que os torneios officiaes demoram mais do que seria natural esperar-se. Questões incidentais têm prejudicado a organização: porisso falei da necessidade de todos se integrarem na nova organica geral dos desportos. Conseguido isto, está de parabens o «basketball» — cuja actividade, a meu ver, não pode nem deve parar... Diz-se que «parar é morrer»: pois bem, entendo que é conveniente viver-se, porisso que é preferivel a vida a quaisquer «paragens», sejam embora de occasião...

«No capitulo de arbitragens, ponto primario para indicar o grau de desenvolvimento de um desporto, não estamos de todo mal. Antes pelo contrario! Os arbitros procuram cumprir fielmente a sua missao, facilitando-a por mercê de uniformidade de criterios, pratica sempre aconselhavel. Tem-se vi-to isso e é de esperar que as coisas não mudem de rumo... E no mais — que é, afinal, tudo — há a certeza de que o publico, os praticantes e até os dirigentes, coordenam as suas vontades no sentido de que o «basketball» marque a posição a que tem direito, dentro do campo das actividades desportivas menos favorecidas. A imprensa, mormente à da especialidade, cumpre papel importante neste sector. Eis tudo quanto posso e devo dizer acerca do estado actual do «basketball» português...

JORGE MONTEIRO

Uma revelação

(Conclusão da pág. 7)

pelo meu lado... Bati-me, entre outros, com o conhecido treinador do Académico. Gencsi Dezcó, e com Leonel Pias, os dois autores de um livro sobre xadrez — por sinal muito bom.

—Agora, para Lisboa, em representação do...

...do Grupo de Xadrez do Porto, como sócio do Académico.

— Quem vai defrontar na capital?

— O campeão de Portugal, os mestres e o campeão de Lisboa.

— Os «mestres»? — perguntámos, como desconhecedores das coisas do xadrez.

— D signamos mestres os jogadores que tendo disputado o campeonato nacional sem conquistarem o título, obtiveram, pelo menos, 50% da pontuação.

O nosso «grande» campeão delicia-nos com uma série de judiciosos comentários, que dizem do seu valor e da enorme intuição que tem para o científico jogo. Entretanto, a conversa derivou:

— Gosta de qualquer desporto ao ar livre?

— Sim, naturalmente. Admiro o futebol mas prefiro, para praticar, a nataçao e a patinagem, mais com o fim da preparaçao física do que na intenção de disputar competiçoes. É que os exercicios físicos, com o recreio que proporcionam, fazem descançar o cerebro... Os musculos comandam, deixando folgar a cabeça...

— Por que não organiza um grupo de xadrez no seu clube?

— Estamos já a tratar disso. Conto com a boa vontade de alguns, o gosto de outros...

— ...e com a ajuda da direcção, que não lhe negará — afirma José de Sampaio.

— Podiam fazer-se coisas interessantes — acrescentámos.

— Um torneio inter-clubes, como na capital — acode João Mário com entusiasmo.

— Estava já previsto, posso garantir-lhe. É questão... de matéria prima...

E estava tudo dito. Voltamos a falar da sua próxima viagem a Lisboa, para tomar parte, como campeão norteño, na disputa do torneio máximo nacional.

Acontecimentos da semana

ATLETISMO — Junto aos terrenos que circundam o seu campo atletico, o Benfica fez disputar um cross, na distancia de 2.100 metros, entre socios e simpatizantes. Ganhou-o Diamantino Valente, em 6 m. 45 s., seguido de Jorge Graça e Armando Tavares.

BASKETBALL — Continuam as organizações de iniciativa particular. No dia de Natal efectuaram-se jogos nas Salésias e em Alcaterra.

O Belenenses ganhou a taça «Eug. Reis Gonçalves» (melhor resultado geral: 65:57) pois venceu o Carneide, em 1.ª, por 27-15, e perdeu em 2.ª, por 39-42. E nas meias-finais da taça «Dr. Americo Nunes» — homenagem do Atletico ao seu antigo e devoto jogador — Maria Pia venceu Belenenses (39-27) e Unidos derrotou Atletico (66-42). Os finalistas — como se vê — triunfaram por margem pequenissima de pontos.

BOXING — A Sala Central de Desportos vonta à organizaçao de sessoes populares, promovendo amanhã a primeira, no recinto coberto do Lisgas.

O campeão espanhol de peso «levisissimo» Peter Khane (Luis Fernandez) derrotou, em Paris, o francês Valentin Angelman, antigo campeão do Mundo naquela categoria.

Em Helsinquia, a equipa amadora da Suécia venceu a da Finlândia.

CICLO-TURISMO — O Futebol Benfica estreou-se na modalidade, promovendo a disputa do rallye Natal, que retula a inscriçao de oitenta e um velocipedistas — um verdadeiro êxito de iniciativa.

Também o Benfica promoveu prova identica, com excelentes resultados. Ganharam-na Hortensia Freire (senhoras) e Francinete de Carvalho (homens), ambos do clube organizador, seguidos, respectivamente, de Palmira Duarte («Os 15») e Maria Rosa Melo (Bfc.). Miguel Fonseca e Rafael Correia (Bfc.). Nas três «gymkhana», efectuadas em complemento do rallye, classificaram-se, respectivamente, em 1.º, 2.º e 3.º lugares: Adelaide Hortas, Maria Manuela de Melo e Hortensia Freire (senhoras); Francinete de Carvalho, Joaquim Costa e Silva e António Correia (homens); André Correia, Miguel Correia e Armando Diogo (rapazes).

FUTIBOL — A segunda jornada do campeonato nacional corporativo — uma competiçao que está a ter interesse — forneceu os resultados seguintes: Of. Material de Engenharia-Emp. Geral de Transportes, 11-1; Moagens de Rama-Armazens do Chado, 5-0; Fáb. Gaiotas-Est. Herold, 7-3; Fáb. Prog. Mecânica-E. N. A., 2-0; F. L. Sacavém-Emp. Nuc. de Mecânica («Diário de Noticias»), 3-0; Fáb. Portugal-Com. Reg. Arroz, I. c., A. P. L.-Pap. Fernandes, 2-1.

Em S. Vicente disputou-se um encontro entre dois «teams» representativos das secções da casa António Ferreira Pinto, Ld.ª. O jogo, presenciado por bastante assistência, concluiu pelo «score» de 6-4 a favor do Armazém. Em seguida ao desafio cerca de duzentas pessoas reüniram-se num almoço cordal e latino, em ambiente da maior camaraderagem.

HANDBALL — Na segunda jornada do Torneio de Abertura, meias-finais da competiçao principal e da prova entre vencidos das eliminatórias, os resultados foram: Belenenses-Unidos, 2-1; Estoril Praia-Treze, 5-1; Marvilense-Clif, 4-0; Sporting-Benfica, 3-2.

O Vilanovense e a Vigorosa ficaram apurados finalistas do torneio que o primeiro organizou, por terem derrotado, respectivamente, o F. C. Porto (7-4) e o Desportivo de Portugal (8-4).

HOCKEY EM CAMPO — Enquanto a Associação de Lisboa continua a «cossegar», prossegue com entusiasmo crescente o campeonato do Porto. Na última jornada registaram-se os resultados seguintes: Ramalense-F. C. Porto, 1-0; Académico-Gaia, 1-0; Leões-Estrelas de Espinho, 3-0; Estrela e Vigorosa-Sport, 4-1; Boavista-L'Air Liquide, 1-0.

NATAÇAO — Amanhã efectuam-se, na piscina de água aquecida do Estoril, as últimas provas do Torneio de Inverno — uma competiçao que despertou justificado êxito.

TÉNIS DE MESA — No torneio para a taça «Aniversários» (organizaçao da S. F. Alunos de Apolo) estão apurados finalistas: Benfica, Maria Pia e Sporting. A taça por votos foi ganha por «Os Combatentes».

TIRO AO ALVO — Com uma sessão solene, presidida pelo Chefe do Estado e celebrada na sala Portugal, da Sociedade de Geografia de Lisboa, a S. T. o antigo Grupo Pátria encerrou o ciclo de comemorações do seu Jubileu de Ouro, promovendo a distribuçao dos valiosos premios que pôs em disputa nas provas organizadas por aquêle motivo. O sr. general Carmona entregou aos srs. dr. Ayala Botto, coronel Feliciano de Azevedo, Lagrange e Silva e António Monte as insignias da Ordem de Cristo, com que os distinguia altamente.

TIRO A CHUMBO — Eduardo Jorge ganhou o campeonato de Portugal de tiro aos pombo, um desporto muito em voga.

O VALOR DOS JORNALS PEQUENOS

(Conclusão da pág. 2)

valores. Começa-se em geral pelas coisas mais modestas. Pelos pequenos jornais de desporto passaram quasi todos os elementos de realce na imprensa da especialidade. E é assim em toda a parte.

Registando, com satisfação, a homenagem prestada, em Viana do Castelo, a um semanário e a um jornalista da provincia — a um jornalista que subiu de aprendiz de tipógrafo a director do jornal — saúdamos, no mesmo amplexo afectuoso, tudo aquilo e todos os elementos que, sendo modestos, desempenham qualquer função de manifesta utilidade — para o meio em que se situam, para o país a que pertencem e para toda a humanidade.

O esforço da máquina humana tem limite — e tudo quanto ultrapasse esse limite, previsto pelas leis inexoráveis da natureza, não é mais de que um «caso» de patologia!

Mas a verdade é que há seres humanos, simples mortais, afinal, que parecem exceder aquilo que se prevê. Eis o caso deste rapaz — Joaquim Teixeira — prodígio de energia e portento de força de vontade, símbolo, enfim, da vontade humana. O público delicia-se vendo-o jogar futebol — porque surge sempre onde não é esperado, porque está onde menos se calcula... A sua energia parece inesgotável e é de uma resistência à fadiga que causa assombro em quem o vê.

O tal limite do esforço da máquina humana quão que nem sequer tem aplicação neste «caso»!... Porque Joaquim Teixeira supera-o, demonstrando vontade própria — que é, afinal, o seu maior dom... Tem complexão física especial, arcabouço de atleta nato ou qualquer circunstância menos fácil de explicar? E' possível...

Por mais de uma vez a crítica tem assinalado «a energia indomável do Teixeira», pondo em realce essa suprema qualidade do atleta que não se poupa, dando tudo quanto pode para ajudar ao triunfo; e se é, por qualquer incidência ocasional, não aparece, culpas não lhe cabem, pois o atleta cumpriu fielmente a sua obrigação, lutando com ânimo e vontade.

Há jogadores de vários «matizes» — desde aquele que luta com brio e alegria ao que vai para o campo apenas para «fazer números» — e Teixeira está em plano de evidência nos do primeiro caso. Joga futebol com alegria e entusiasmo — porque (ele no-lo disse) gosta de jogar futebol! E sente-se satisfeito consigo quando o desafio decorra rijamente disputado, como se diz-se, palmo-a-palmo.

Teixeira é um rapaz modesto e simples, que cedo conquistou simpatias. A sua popularidade espalhou-se rapidamente, mercê da maneira que tem de jogar, género «electrizante» — porque domina as multidões a poder da energia que põe na luta. Para mais, é do Benfica! Isso diz tudo...

Começou a jogar futebol muito cedo: no Infantil do Angustias Atlético Clube, uma colectividade da sua terra. Tinha então 14 anos. E nessa mesma época ascendeu ao «team» principal... Deve ter sido o jogador mais novo em 1.ª categoria. Nascido na Horta (Faial), o Teixeira do Benfica por lá se manteve até à altura de vir à tropa. E, apurado para infantaria 1, embarcou a bordo do paquete «Lima» com destino a Lisboa. Já então tinha «nome» no futebol açoreano. As suas simpatias de desportista iam inteirinhas para o Sporting, o clube da sua feição: dava-



TEIXEIRA

Símbolo de energia!

por JORGE MONTEIRO



— se até a circunstância de o comandante do «Lima» ser «leões ferrenhos», e, por isso, Teixeira vinha com vontade de «experimentar» suas habilidades de jogador pelo Sporting... Mas o jogador pôe... e o destino dispõe! Quis o destino que, à chegada a Lisboa, Teixeira encontrasse o dr. Vicente de Melo, que fora presidente do Angustias e é benfiquista convicto — o qual, por seu turno, aproveitou imediatamente a ocasião, convidando Teixeira a ir até às Amoreiras... Alguns pont-pés, um treino simples — e o jogador lá ficou! Quere dizer: se não fora essa «ocasião», era natural que o Sporting pudesse contar com Teixeira... Foi isto em Setembro de 1939.

Alinhou de entrada na 2.ª categoria, na qual fez quatro desafios; e depois ei-lo na equipa principal. Estreou-se contra o Belenenses, nas Amoreiras, em desafio para a taça «5 de Outubro» e que o Benfica perdeu por 2-4. Teixeira marcou o primeiro «goal» do seu clube e Rogério, que fora do Sporting, o segundo. Não começou mal, como se vê, embora tivesse perdido no desafio de estreia! Foi uma vez seleccionado pela A. F. L. (contra Santarém) e está «pressentido» para jogar contra Sevilha...

Já se disse que Joaquim Teixeira, um dos mais populares jogadores portugueses e o «goal-scorer» do seu clube e do campeonato nacional, é um rapaz modesto e simples. Como tal, não parece muito à vontade ao saber que o quiseamos ouvir para a «Stadium». Mas...

— ... Não sendo, embora, a primeira vez que falo à Imprensa (já disse qualquer coisa para um jornal do Porto) acho que é cedo para entrevistas... Tenho ainda pouco a dizer! Sinto-me bem no Benfica e faço por cumprir dentro das minhas possibilidades. Todos, afinal, me têm tratado bem: colegas e adversários, sócios, público e crítica.

«O clube com que mais simpatizo? É o Sporting, mas não esqueço que estou no Benfica... Isto de ser sportinguista é uma simples «mania» — como qualquer outra! Já a tinha em garoto, e agora, homem feito, não quero mudar de ideias... Mas note que eu estou no Benfica, onde me sinto perfeitamente bem — e não penso em mudar de camisola! É que a «gente» pode ter uma simpatia e uma dedicação ao mesmo tempo. São coisas diferentes...

«Com respeito a árbitros? Para mim, Carlos Canuto é o melhor. Desculpe-se, não a franqueza, mas, como vê, eu não sei mentir! E jogadores? Do meu clube, todos eles, e dos outros, cito Albano, Amaro e Manuel Marques. Se penso no título nacional? Claro que penso; mas «isto», este ano, está um pouco difícil, pois o «team» tem «mazelas»! O Manuel da Costa tem-nos feito imensa falta, creia. E o Sporting — com as vitórias de Olhão e Coimbra — parece-me o que reúne mais probabilidades, embora não se possa esquecer de que o Belenenses também é adversário com que contar e que «nós» (este nós refere-se ao Benfica) ainda não perdemos a fé... De resto, o torneio vai ainda no princípio — e só no final é que se sabe qual ganha... Não é verdade?...

Nas Salesias



BELENENSES — VITORIA (G.)

1 — Como a bola foi por vezes disputada entre a defesa de Guimarães e o ataque dos «azuis».

2 — Salvador também teve de se empregar... Ei-lo em acção.

3 — Uma defesa de Machado — com um abraço para Quaresma...

4 — Um remate de Quaresma é defendido com oportunidade por Machado. Eloi estava preparado para o que desse e viesse...

(Fotos J. Manique)



A «FORMA» OSCILA: ENQUANTO UNS GRUPOS SOBEM OUTROS DESCEM

A renovação do Pôrto e a recuperação do Benfica — Os ataques do Sporting e de Olhão — O «processo» belenense

Comentários de TAVARES DA SILVA

TEMOS procurado surpreender o futebol português — jornada a jornada. Faz-se desta maneira um balanço geral, que não significa que num campo não tenha havido um alto, e noutro um baixo. Mas é ao conjunto que se atende, isto é, às indicações gerais sobre um problema comum.

Pode dizer-se que o nível do jogo baixou sensivelmente, na 5.ª jornada. Isso não quer dizer nada acerca da debatida questão da estabilidade dos *teams*. É vulgar classificar-se de incompreensível a actuação de um grupo, num domingo magistral, no domingo seguinte inferior. Dizendo-se que isso é próprio do futebol português, resultando da circunstância dos grupos não terem *classe*. Nós também já navegamos nessas águas. Todavia, os factos demonstram a saciedade que essa oscilação é natural, devendo apresentar-se como carácter peculiar de um desporto — que também é jogo. Em todos os países sucede o mesmo — ressalvadas as devidas proporções. Em Espanha, por exemplo, onde se começa outra vez a jogar como gente grande, dá-se o mesmíssimo fenómeno. E por toda a parte.

Sem dúvida, a tendência para o nivelamento de valores já posta em foco contribui para o facto. Com os ca- os que é necessário tomar na devida conta, não há dúvida de que, presentemente, nenhum grupo pode considerar-se vencedor antes da vitória lhe ter sido dada pela decisão da última aptidão.

Para o baixo nível da jornada contribuíram uns *teams* mais do que outros. Mesmo alguns dos favoritos ou mais cotados. O Sporting marcou *goals*, não encontrando obstáculos na sua frente. O Atlético não conseguiu afirmar como de outras vezes a sua coesão. O Belenenses acentuou o momento que atravessa.

A nesga de sol brilhou no estádio do Lima, tendo-se afirmado o Pôrto como um grupo de possibilidades capaz de prosseguir um passado magnífico. Também para os lados do Algarve surgiu um fulgôr. Trata-se da capacidade realizadora do Olhanense, que se mantém na prova não como a simples comparsa, mas disposto a desempenhar um dos principais papéis. O Benfica também realizou o suficiente para dar nas vistas. Eis, portanto, o mau e o bom definido ou apontado em breves palavras.

Muito haverá ainda que dizer. Em torneios tão longos, a forma oscila. E tão difíceis, com saídas que sabem a pão amargo, cada passo representa um sacrifício. A duresa e a dificuldade dos embates, e até vários pormenores do jogo, como as lesões, por exemplo, reflectem-se no valor dos *teams* que, domingo a domingo, dão mostras de transformação, ou para o lado bom, ou para o mau. A lei da forma pode ser representada por um gráfico sinuoso. Uns estão agora na curva ascendente (o caso do Sporting apresenta-se flegante). Outros no traço descendente. É a bola.

As 2 «faces» do estádio do Lima. De dominador a dominado. Ou vice-versa

Normalmente, quasi que se pode afirmar haver mais entusiasmo fora do rectângulo do que dentro. O espírito dos assistentes palpa. A fibra dos jogadores não estremece — sempre. Mas há também casos em que se dá o contrário (vidé, segundo nossas informações, a partida do estádio do Lima). A maior assistência portuense da época mostrou-se reservada. Só de quando em vez, num momento culminante, estremece de vibração. Quem se recorda do Pôrto...

O desafio comporta, perfeitamente demarcadas e caracterizadas, duas faces: a actuação dominadora do Pôrto, do princípio até quasi o soar do primeiro quarto de hora; a bela recuperação do Benfica.

O Pôrto está a dar-se a uma tarefa de

renovação do seu grupo — como temos frisado. O *team* sofreu a refundição que as condições impunham, tudo consistindo em saber se a mistura da experiência e do saber de alguns veteranos com a juventude e habilidade dos novos dava boa liga, suficientemente resistente e maleável ao mesmo tempo. Os primeiros passos de um grupo que assim se apresentava não podiam deixar de ser vacilantes ou debeis. Mas o grupo afirma-se à medida que os jogos o vão calejando. Vai aprendendo, em todos os domingos, principalmente em desafios que decorrem como decorreu o da 5.ª jornada, pagando por vezes caro o tributo da lição.

A formação do grupo contra o Benfica prestava-se a reparos, possivelmente, pela colocação de Correia Dias na ponta direita (este rapaz anda a viajar demasiado), e qualquer dia não encontrará o seu sítio) e a consequente permanência de Lourenço no eixo do ataque. Seja como for, é indiscutível que o alinhamento deu resultados, ou estava a dá-los, porque Correia Dias conseguia desenvolver bem o jogo, e ainda porque, no meio do terreno, em frente das rédeas, os coisus se passavam menos mal para os do Pôrto; daí a estranheza da alteração — troca dos dois homens, Lourenço e Dias, na altura em que o *team* portuense se apresentava como provável vencedor (2-0).

Os treinadores esquecem algumas vezes o princípio do jogo, tão verdadeiro e antigo como o do jogo: em *teams* que está a ganhar não se mexe. Metete, de resto, pelos olhos dentro esta verdade. Quando um grupo está a portar-se mal — tudo é de tentar no sentido da modificação de situação. Quando se dá, porém, o contrário, isto é, com grupo em vena ou superioridade, não se justificam as alterações — sejam quais forem. O esquecimento do princípio tem o preço muito alto.

Ainda a outra razão deve o Pôrto a transformação dos 2-0 em 2-2. Agora — sim — trata-se de uma orientação frequente, que já tem dado bons mas que não exclui maus resultados. Entre dois grupos, mais ou menos iguais, se um deles consegue margem de *goals* favorável, julgada suficiente, é quasi certo e sabido que o grupo não se perderá mais em aventuras, convergindo para uma vida prudente de atenção às jogadas e vigilância ao adversário.

Também, como dizemos, nestas emergências, aparecem, uma vez por outra, os maus frutos. Os *teams* na posição de vencidos, sentindo instintivamente o espírito que anima de momento o adversário, dão-se então ao combate com tôlas as armas e bagagens, e uma de duas: ou conquistam, ou morrem com honra. Foi o que fez o Benfica, que costuma levar entranhados na pele, para todos os lados, semelhantes raios.

O Pôrto viveu um quarto de hora final pleno de angustia e nervosismo. A ver a todo momento a bola da vitória lisboeta (o resultado já era de 2-2) entrar nas suas rédeas. Tanto assim que, no último instante, ainda a trave defendeu uma bola «shootada» pelo extremo-direito benfiquense.

Ora aqui é que estamos em presença de um fenómeno vulgar. Um *team* que, em posição de domínio, abandona o ataque, passa a ser dominado. Nestas circunstâncias, o *empate* é que é difícil...

O grupo mais discutido (Atlético) A concepção de jogo da Académica

O Atlético começa a ser *team* muito discutido. Alguns, como nós, colocam-no em plano regular, a boa altura do jogo, em todos os seus aspectos. Outros, e são muitos, negam-lhe tôdas as virtudes, não sabendo a que atribuir não só os seus triunfos como algumas das suas exloições, colocando nas mais sérias

dificuldades aqueles, mesmo os considerados mais fortes, que pisam a Tapadinha.

Os últimos que assim pensam são os que só admitem o jogo mecanizado, a aplicação de um sistema por parte de um grupo, em passagens e muitas passagens de precisão, esquecendo-se que há no futebol campo para tôdas as táticas ou processos — até para a tática da nenhuma tática. Um *team* pode perfeitamente jogar à aventura, baseando-se na velocidade, energia e dedicação dos seus componentes. Com tudo que não é sólidamente estudado, isto pode não resultar profícuo. Mas já tem dado igualmente os melhores resultados.

Julgamos que o Atlético devia adoptar, estudando-o em pormenor, um plano de jogo. Mas é indiscutível que a equipa supra, com as suas qualidades, essa imprecisão ou falta. Mais: isso dá ao *team* certo sabôr.

Em Espanha, por exemplo, há um homem que se ergue constantemente contra a improvisação. Chama-se Eduardo Teus, e é o seleccionador nacional. Em Itália também um homem de categoria (Pozzo) exprimiui, e julgamos que exprime, o mesmo pensamento. A-pesar disso, as equipas espanholas dão-se à improvisação e os jogadores espanhóis ao golpe audacioso e de aventura. Caso curioso, a equipa espanhola de estudo mais profundo, em que o *plano* são aplicados com toda a série de minúcias (A. Aviação, pela a intervenção de R. Zamora) está longe da cabeça do torneio.

Vem isto a talhe de foice — a propósito do Atlético, no passado domingo jogou sem plano, atirando a bola para a frente, às vezes em baldo, mas jogando no campo adversário pelo favor de algumas qualidades que só não vê quem telmar em não ver: velocidade e energia (qualidades de que, principalmente, o linha media é titular). Velocidade que bate e adversário, não lhe dando tempo nem de construir, nem algumas vezes de intervir. Quer dizer: o Atlético põe em campo o suficiente não só para se afirmar mas também para tornar a vida dura ao seu adversário.

Se nos perguntarem de que futebol gostamos mais — põem-nos outro problema. Porque isso é matéria nova. Claro que, por exemplo, a Académica, sobretudo a sua linha de ataque, com lances de subtileza, inteligência e da melhor execução, realizou um futebol que agrada mais; um futebol que, como espectáculo, leva vantagem — que distancia! — ao Atlético.

A concepção do jogo, por parte do grupo da Académica, continua a ser das melhores dos *teams* portugueses. Alguns dos seus componentes mostraram-se, porém, muito inferiores na execução, resentindo-se o conjunto da sua pouca categoria. Nem vale a pena citar nomes.

Uma máquina de ataque que, em plena laboração, produz muito

Encaixados devidamente alguns valores, refeitos de lesões, o Sporting renasce para a vida de grandes feitos. Claro que a depuração do *team* está longe de ter sido realizada. A operação, pela maneira como começou, quasi que convenceu de que seria profunda. Afinal não passou da pele. Os órgãos importantes não chegaram a ser afectados...

É evidente que, nas circunstâncias em que se encontra o *team* do Sporting, os dirigentes deviam prever o futuro — enquanto visse o presente. Estas soluções, como a de chamar Mourão às fileiras, são boas desde que se aproveite convenientemente o tempo que a própria solução faculta. Caso contrário, podem ser contraproducentes. Veremos.

Graças aos arranjos efectuados, e à própria reacção dos jogadores, o Sporting af está outra vez afirmando incontestavelmente o seu valor. A equipa encontra-se com fundo e fôlego, unida na defesa, trabalhadora na linha medular, e potentíssima no ataque. A máquina do ataque, quando em laboração plena, com uma peça chamada Mourão no seu lugar, não há dúvida que produz — e o mercado dos *goals* ressentiu-se a do facto. Como sempre, a abundância de se baratear a mercadoria. Não há dúvida de que a linha dianteira do Sporting se caracteriza pelo seu lado práctico: jogo linear ou em profundidade desenvolvido em força física e terminado com o género de remate chamado tiro. Cinco avançados — dez espingardas, importante — isto.

Pelo lado do Salgueiros, que, nalguns momentos, chegou a dar agradável impressão da sua movimentação geral nada há mais a dizer

senão salientar a *má tarde* do seu guarda réde, embora muito desprotegido. É bem de ver que Peixoto se inferiorizou excessivamente.

Atenção ao ataque em Olhão. Um grupo que luta de fio a cabo

O Olhanense parece num bom momento. Tudo indica que assim seja. Todavia, até que ponto chega a sua forma? O team poderá aspirar a *cometimentos* — fora de sua casa?

Esta *inedignita* não deixa de ser valiosíssima — pela influência que exercerá na marcha do torneio. Uma coisa está já demonstrada, e com evidência indelutável: que em Olhão o clube titular dificilmente deixará passar quem quer que seja. Mas a e melhor: que, naquela terra, vários teams devem conhecer a amargura dos resultados copiosos.

Se lá somos a avaliar pelas *hipérboles* algavias, não hesitaríamos em afirmar que os algavios, mesmo fora do seu ambiente, deixariam atrás de si um raião de luz... Mas é preciso que os factos dêem consistência ao vaticínio.

A linha avançada de Olhão parece-nos a melhor célula, isto é, o *ponto forte* do grupo. Quando em inspiração, com todos os seus elementos livres de lesão, e em pleno desenvolvimento, é fora de dúvida que as *unidades defensivas* passarão um duro transe. Depois, trata-se de avançados que marcam também pela velocidade e pela força de ânimo, insistência e eimosia.

Quando, à meia hora, os setubalenses revelaram um pouco de cansaço, esse enfraquecimento foi imediatamente aproveitado pelos homens do Algarve como começo da tirania, e os goals sucederam-se, quasi sem expressão, de certa altura para diante, nas rédes do esforçado Trindade.

Ao julgar-se o Vitória, não deve perder-se de vista a falta de Figueiredo, diminuindo sensivelmente a vontade global do onze.

Um «processo» permitindo o domínio de uma defesa serena

O Belenenses não estará em *crise*. Mas também não se encontra no momento do apogeu. O seu abaixamento — visível — resulta do fraco rendimento (estamos no capítulo prático da questão) da linha da frente. O facto de faltar um elemento (Rafael) na linha dianteira, e desse elemento ser, provavelmente, o de melhores pés, não chega para justificar as últimas exhibições belenenses.

No passado domingo, o clube de Belem pôde apresentar ainda outra *atenuante*, de vulto: a lesão de Vasco Oliveira, o defesa em experiência no ataque, e consequente redução a dez unidades. Tudo isso está muito bem. E é certo. Todavia, o processo belenense, hoje já conhecido pelas equipas contrárias, de *passé e mais passé*, bonito como espectáculo e encantoso a vista como nenhum outro, não está a dar bons resultados. Os *defesas* sabem isto: que lhes basta um pouco de necessidade para dominar um jogo que, pelas suas características, lhes há-de dar um momento de intervenção em condições vitoriosas. Quere dizer: desde que o *defesa* não se deixe perturbar, correndo para um lado e para o outro, ante um processo moroso de insistência, de golpes, em que todos os golpes se assemelham uns aos outros, é quasi certo que acabará por destruí-los.

A característica do encontro das Salésias

NO BAIXO ALENTEJO

(Conclusão da pág. 3)

criou mais ânimo. A perspectiva da vitória para Moura deu lugar a uma luta mais valorosa, entre os dois clubes desta cidade. O União, que batia o Atlético por 4-1, na primeira volta, perdeu por 1-0 no segundo encontro. Fugiam-lhe as probabilidades do triunfo. Mas podia tentá-lo no jogo final.

Tudo isto provocou o interesse pela partida que fechava o campeonato. Foi por isso bastante público ao Estádio Avilez. O Luso mostrou mais conjunto e mais experiência. O União alinhou um onze com mais ocasião. A segunda parte podia ter alterado o resultado obtido no primeiro tempo. Mas não foi assim. E o Luso triunfou outra vez. E isso que importa registrar.

O torneio da II Divisão poderá permitir a revisão de valores. Fala-se, especialmente, no reforço do Atlético, de Moura. O campeonato como que se repete. Pode, todavia, aparecer qualquer motivo de atração. Aguardemos, pois.

O resultado do campeonato, traduzido em números, é o seguinte, para seis jogos: 1.º Luso, 11 pontos, 7-2; 2.º União, 7 p., 4-4; 3.º Atlético, 6 p., 4-9.

O TORNEIO SECUNDÁRIO

deniar regularidade e são capazes de anular aspirações. O Lusitano, de Coimbra, continua a mostrar-se a terceira equipa da Lusa-Atenas e o União parece a caminho da sua melhor forma. As duas equipas derrotaram, respectivamente, a Naval da Figueira e o Sport — sem que isso tenha contrariado os vaticínios.

Os clubes de Viseu travam luta sem tréguas. Tanto empate se tem registado que não há possibilidade de prever um vencedor.

O Lanifícios continua a impôr-se. Desta vez foi o Estrela — categorizada equipa portalegrense — que sofreu as consequências do bom conjunto do Lanifícios, que está a jogar confiadamente... e que também é um atributo de valia.

No grupo C, salta à vista a crise que o futebol escalabiano está a atravessar. Os dois representantes de Santarém foram batidos sem remissão. Em contrapartida o Ferroviários, do Entonamento, e o Operário de Vila Franca parecem capazes de grandes cometimentos não sendo arriscado pensar-se se entre eles se decidirá a questão. O Alcaenense está a dar boa conta de si.

Dos clubes da Associação de Leiria pode dizer-se o que ficou dito para os de Viseu. Jogos sem vencedor a revelar claramente equilíbrio de valores. A luta promete.

Os dois mais categorizados de Lisboa — Unidos e Fósforos — jogaram fora de casa. Ambos chegaram à meia dúzia sem dificuldade, ainda que o Fósforos tivesse demorado a abrir o activo. O Marvilense e o S. L. Olivais foram as suas vítimas, em condições que não deslustram. O Torreense exhibiu-se, pela segunda vez, entre o seu público — e obteve a sua primeira vitória, contra o F. Benfica; um excesso «goals» de vantagem abona o comportamento dos lisboetas.

O Estoril, campeão de 1941-42, derrotou o Barcelense, campeão de 1942-43. Três «goals» sem resposta fizeram o resultado... um resultado que é expressivo demais para a maneira como as equipas actuaram. Mas o que não oferece dúvidas é que a margem é valiosa para quando os estorilenses tiverem de atravessar o rio.

A derrota do Operário contra o Onze Unidos do Montijo, pela diferença mínima, abona mais o vencido do que o vencedor. O contrário deve dizer-se do Casa Pia A. C. que no seu campo não conseguiu evitar que o claretina vermelha do campeonato de Setúbal o de-ficiteasse.

E não têm de que queixar-se, os rassinianos. O Unidos do Barreiro derrotou o seu conterrâneo, o Luso. Mas era lícito esperar «scores» mais expressivo. O Selxal andá a procura da melhor forma e em Almada não conseguiu desembaraçar-se do estreito Gimnásio do Sul. O Chelas experimentou dificuldades na Amora num encontro que não teve vencedor e em que a marcação de «goals» deu interesse à luta.

ZÉ DO PEÃO

foi de ataque por parte do Belenenses e de defesa pelo lado de Guimarães. De resto, preocupação que o Vitória tem posto na luta — para evitar o que os espanhóis chamam *goleadas*. No último quarto de hora, a organização defensiva tinha fornecido o seu máximo.

Os números cantam...

A chamada *classificação geral* vai sofrendo alterações. Trata-se de matéria muito sensível, e às vezes um pequeno deslize produz repercussões que se estendem de alto a baixo. Os números perdem, por assim dizer, a sua frieza ganhando *expressões* que ninguém ainda lhes tinha descoberto. O seu «canto» impressiona. Vejamos.

Com 9 pontos — Sporting (4 vitórias e 1 empate, 20-7 em bolas); Atlético (4 vitórias e 1 empate, 15-6 em bolas).

Com 8 pontos — Pórtó (3 vitórias e 2 empates, 13-8 em bolas).

Com 7 pontos — Benfica (2 vitórias e 3 empates, 15-6 em bolas); Belenenses (2 vitórias e 3 empates, 11-7 em bolas).

Com 4 pontos — Olhanense (2 vitórias e 3 derrotas, 17-8 em bolas).

Com 2 pontos — Vitória de Guimarães (1 vitória, 1 empate e 3 derrotas, 7-16 em bolas).

Com 0 pontos — Salgueiros (1 vitória e 4 derrotas, 5-24 em bolas).

Com 1 ponto — Vitória de Setúbal (1 empate e 4 derrotas, 6-18 em bolas).

Com 0 pontos — Académica (5 derrotas, 7-17 em bolas).

Marcadores da 5.ª Jornada — Cabrita (Olhanense) 3; Peyroteo (Sporting) 3; J. Paul (Olhanense) 2; Daniel (Sporting) 2; Cruz (Sporting) 2; Albano (Sporting) 2; Mourão (Sporting) 1; Vasco (Belenenses) 1; Quaresma (Belenenses) 1; Elof (Belenenses) 1; Dias (Vit. Guimarães) 1; Pinga (Pórtó) 1; Lourenço (Pórtó); Valadas (Benfica) 1; Júlio (Benfica) 1; Ramos Dias (Atlético) 1; Lopes (Atlético) 1; Octaviano (Académica) 1. Os jogadores F. Júlio (Vitória de Setúbal) e Dias (Vit. de Guimarães), marcam uma bola nas suas próprias redes.

“STADIUM” deseja felizes festas e um novo ano próspero a todos os seus leitores, assinantes e colaboradores.

Um combate celebre

(Conclusão da pág. 3)

nulas, passou a protestar contra a continuação do combate.

No entanto, Burnes aglientou valentemente o assalto, retirando-se para o canto a cambalar. No 14.º round Johnson atacou com violência e atirou o antagonista ao solo. Ao 8.º segundo, demonstrando coragem admirável, Tom Burnes levantou-se e retomou a luta. Em breve o negro, com os seus golpes potentes, o pós *groggy* e o levou diante de si. Como a polícia ameaçasse intervir e suspender a chacinha, o árbitro Mac Intosh (e também organizador...) parou o combate e deu a vitória a Jack Johnson.

A repercussão mundial deste famoso encontro foi considerável. O modo como o jogador negro tratara o seu diminuto antagonista, fazendo alarde de ódio racial injustificado, excitou a opinião pública americana. Até os jornais sérios e pouco dados aos relatos desportivos deram relevo ao *match*, insinuando que a raça branca deveria escolher um representante capaz de a desafiar. Esse homem existia, ainda que afastado das lides, e nunca fora vencido: Jeffries.

E assim principiou a montagem do encontro sensacional entre dois hercules, cujo epílogo teve lugar em Reno (Nevada) no dia 4 de julho de 1910.



Uma boa interceptação de cabeça



Armando Jorge opõe-se decidido a um enérgico ataque da Académica



A defesa do Atlético estava batida — mas o remate saiu para fora



Acácio sai a tempo de captar a bola e evitar um remate perigoso